

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

Laura Moura de Quadros

**SEM PRECONCEITO? A REPRESENTAÇÃO LGBT EM “AMOR &
SEXO”**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**SANTA MARIA, RS
2015**

Laura Moura de Quadros

SEM PRECONCEITO? A REPRESENTAÇÃO LGBT EM “AMOR & SEXO”

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Orientadora: Prof. Dr^a. Clarissa Schwartz

Santa Maria, RS

2015

Laura Moura de Quadros

SEM PRECONCEITO? A REPRESENTAÇÃO LGBT EM “AMOR & SEXO”

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Aprovado em 14 de dezembro de 2015:

Prof. Dra^a. Clarissa Schwartz
(Orientadora)

Prof. Dr^a. Aline Roes Dalmolin (UFSM)

Prof. Dr^a. Isabel Padilha Guimarães (UFSM)

Santa Maria, RS
2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sou grata à vida. Em segundo lugar, agradeço aos meus pais. Sem todo o amor, o carinho, o apoio e a segurança que a Nelma e o Vitor me proporcionaram eu certamente não seria tão feliz como sou. É inútil tentar descrever o tamanho da importância que eles têm na minha vida e na minha felicidade. Por tudo o que fizeram pela nossa família e por tudo o que ainda viveremos, sou muito grata.

Agradeço muito aos amigos. Dos mais antigos aos mais recentes, os de perto e os que estão longe, todos exercem um papel essencial. Seja nas conversas triviais, nas discussões profundas, nas comemorações ou tristezas compartilhadas, a eles devo parte da minha alegria. Também agradeço às minhas famílias: a de sangue e as que pude escolher. Sei que graças a essas pessoas sempre terei em quem me apoiar e com quem celebrar.

Agradeço especialmente ao Paco. Pelo amor, pela companhia, pelos conselhos, pelas críticas, pelo aconchego. Por acreditar em mim e crescer comigo.

Sou também muito grata a todos que agregaram conhecimentos para a minha formação pessoal e acadêmica durante os quatro anos de graduação. Às professoras e professores que muito me ensinaram, aos colegas por quem tenho muito carinho, aos funcionários da Facos e a todos que direta ou indiretamente tive contato no decorrer do curso.

Por fim, agradeço à Clarissa pelas orientações, pela disposição em me auxiliar, pela paciência e pelos conselhos. Agradeço à Aline e à Isabel, que aceitaram participar da avaliação desse trabalho e cujas contribuições serão muito bem vindas.

RESUMO

SEM PRECONCEITO? A REPRESENTAÇÃO LGBT EM “AMOR & SEXO”

AUTORA: Laura Moura de Quadros

ORIENTADORA: Clarissa Schwartz

Diante de um contexto em que parte da sociedade brasileira ainda condena as práticas sexuais que não condizem com a heterossexualidade, o presente trabalho de pesquisa procura investigar a representação construída sobre a população LGBT no programa televisivo “Amor & Sexo”, exibido em canal aberto pela Rede Globo, cuja promessa é tratar sobre questões relacionadas ao sexo e a relacionamentos de forma descontraída. Pretendemos verificar de que forma o programa representa pessoas que não se identificam com a heterossexualidade a partir da identificação de episódios com conteúdos que tratam sobre essa população, os elementos aí preponderantes e a construção do discurso sobre a população LGBT. Para isso, baseamo-nos nas reflexões feitas principalmente por Judith Butler (2014), Serge Moscovici (2011) e Stuart Hall (2003) para entendermos como se dá a construção das noções de gênero na sociedade e como as representações sociais influenciam o discurso televisivo. Utilizamos o aporte metodológico da análise de discurso conforme Benetti (2007) e Orlandi (2001) e o estudo de textos televisivos segundo Duarte (2004) a fim de entendermos como se constitui o discurso de “Amor & Sexo”. Através da análise, verificamos que o programa sustenta-se em ideias que reforçam estereótipos e, conseqüentemente, a inferiorização de comportamentos que não seguem a heteronormatividade. Há a valorização de aspectos específicos, como a união de pessoas do mesmo sexo e a constituição de famílias, mas o discurso do programa se exime de discutir e problematizar questões relevantes como o preconceito.

Palavras-chave: Representação; LGBT; Programa televisivo; Discurso; Heteronormatividade.

ABSTRACT

NO PREJUDICE? THE LGBT'S REPRESENTATION IN "AMOR & SEXO"

AUTHOR: Laura Moura de Quadros

ADVISOR: Clarissa Schwartz

Faced with a context in which part of Brazilian society still condemns sexual practices that do not correspond with heterosexuality, the present research investigates the representation built about the LGBT population on the television show "Amor & Sexo", displayed in open channel by Rede Globo, whose promise is to treat about issues related to sex and relationships in a relaxed way. We intend to verify how the program represents women and men who do not identify with heterosexuality, from the identification of episodes with contents that deal about these people, the preponderant elements and the construction of the discourse about the LGBT population. For this, we rely on the reflections made mainly by Judith Butler (2014), Serge Moscovici (2011) and Stuart Hall (2003) in order to understand how is the construction of gender notions in society and how the social representations influence the television discourse. We used the methodological approach of Discourse Analysis according to Benetti (2007) and Orlandi (2001) and the study of television texts in accordance with Duarte (2004) in order to understand how the discourse of "Amor & Sexo" is constituted. Through the analysis, we found that the program sustains ideas that reinforce stereotypes and consequently lead to the degradation of behaviors which do not follow the heteronormativity. There is the appreciation of specific aspects, such as the union of persons of the same sex and the formation of families, but the program's discourse disclaims itself to discuss and problematize relevant issues such as prejudice.

Keywords: Representation; LGBT; Television program; Discourse; Heteronormativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Marta Suplicy comandou o primeiro quadro sobre sexo na TV aberta brasileira...	28
Figura 2 – Cenário de “Amor & Sexo”.....	32
Figura 3 – Campanha pelo “sim” à diversidade no lançamento da quinta temporada.....	35
Figura 4 – Figurino de Fernanda Lima em diferentes temporadas do programa.....	36
Figura 5 – Celebração de uniões estáveis entre homossexuais e heterossexuais.....	47
Figura 6 – Os casais Sheila e Paulo, Michele e Val, que compartilham a criação da filha.....	48
Figura 7 – Esquete cômico apresentado no palco de “Amor & Sexo”.....	51
Figura 8 – Cantor da banda Tarcísio Meira’s Band dança e canta a música “Cura gay”.....	52
Figura 9 – Homem transexual reivindica direitos e respeito no palco de “Amor & Sexo”.....	55
Figura 10 – Blogueiros falam sobre sucesso de canal de vídeos com temática gay.....	58
Figura 11 – Dois bailarinos se beijam na dança de abertura do Episódio 8.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Temporadas do programa “Amor & Sexo”	31
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Programas sobre sexo na televisão aberta brasileira.....	30
Quadro 2 – Síntese da oitava temporada de “Amor & Sexo”.....	37
Quadro 3 – Episódios da oitava temporada que abordaram as sexualidades LGBT.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO....	10
1. HETERONORMATIVIDADE, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES.....	16
1.1 Gênero e Representações.....	17
1.2 Identidade Cultural na Modernidade	22
1.3 Movimentos LGBT.....	24
1.4 Programas sobre sexo na TV aberta brasileira.....	26
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS... ..	31
2.1 Objeto de pesquisa.....	31
2.2 A composição do <i>corpus</i> de análise.....	37
2.3 Aspectos metodológicos.....	38
2.4 Formações Discursivas.....	42
3. DISCUSSÃO E RESULTADOS	44
3.1 Reconhecimento legal e celebração da união homoafetiva	44
3.2 Estereótipo.....	50
3.3 Preconceito.....	53
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.	64

INTRODUÇÃO

As formas de sexualidade humana que diferem da heterossexualidade ainda são vistas com preconceito e sofrem discriminação pela sociedade brasileira atual. Um tratamento distinto que se verifica também, muitas vezes, no ambiente midiático. Seja na ficção, em programas de entretenimento ou jornalísticos, as pessoas cujas identidades sexuais são contempladas pela sigla LGBT¹ – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros – não são tratadas com a igualdade a que têm direito.

Sabendo-se que as preferências sexuais das pessoas têm sido pauta de infinitas discussões, saindo da esfera do simples convívio em sociedade para ser assunto debatido em âmbito parlamentar, como em projetos e leis que buscam controlar manifestações implícitas e explícitas entre indivíduos, este assunto ainda é embrionário no que tange aos debates nos veículos de comunicação. Consideramos que houve avanços significativos na legislação brasileira nos últimos anos, como o reconhecimento legal do casamento homoafetivo², por exemplo, mas ainda há muito a ser feito para que a questão LGBT seja entendida, percebida e tratada de forma natural pela sociedade. Daí a importância de os veículos de comunicação

¹ A 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada em Brasília, decidiu em 7 de junho de 2008 utilizar a sigla LGBT para padronizar a nomenclatura referente ao movimento social. No lugar de GLBT, a sigla LGBT passou a ser utilizada como forma de dar mais visibilidade às mulheres lésbicas e se aproximar do modelo usado em diversos países (G1, 2008). A sigla LGBT é utilizada hoje pelo movimento social brasileiro e entidades governamentais. Já LGBTTTIS se refere precisamente a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexuais e simpatizantes, mas não é usual no país; geralmente o T engloba as identidades de gênero iniciadas por essa letra. Em âmbito internacional, a sigla mais utilizada é LGBTI, eleita pela ONU e Anistia Internacional, que inclui pessoas intersexuais (também conhecidas como hermafroditas, termo que caiu em desuso). Nos movimentos sociais também tem se incluído a letra Q – em LGBTQ ou LGBTQI – que se refere à perspectiva teórica e política dos Estudos Queer (NASCIMENTO; FOGLIARO, 2014). Esses estudos propõem desconstruir, descentralizar e revisar conceitos naturalizados sobre sexualidade e gênero, o binarismo hetero-homossexual e abarcar culturas sexuais marginalizadas, considerando o desejo sexual como uma construção social em que a heterossexualidade estabelece os comportamentos adequados à sociedade (SOUZA, 2008).

² Desde maio de 2011 o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhece a união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, o que garante os mesmos direitos de relações estáveis entre homens e mulheres aplicadas a casais homoafetivos. Em maio de 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução que obriga cartórios de todo o Brasil a registrarem casamentos entre pessoas do mesmo sexo e converter uniões estáveis em casamentos. A diferença é que a união estável não é um ato formal, mas garante direitos como herança, comunhão de bens, pensão alimentícia e previdenciária, licença médica, entre outros. O casamento, por sua vez, consiste em um contrato formal regulamentado pelo Estado, que garante mais direitos do que a união estável, como a guarda de filhos e direitos sucessórios em caso de morte de um cônjuge. Entretanto, não existe uma lei que reconheça o casamento entre pessoas do mesmo sexo; a decisão do CNJ é uma resolução que, como não consta no código civil brasileiro, pode ser contestada por juízes. Ainda que seja um grande avanço, os movimentos LGBT lutam para que exista uma lei que reconheça e regulamente o casamento homoafetivo para ele que se torne um direito pleno (BRÍGIDO, 2013; SANTOS, 2011).

investirem em produções que tragam à tona importantes discussões, a fim de contribuir para o esclarecimento da população de forma responsável e sem preconceitos.

Uma vez que as formas de sexualidade diferentes da heterossexual ainda são desaprovadas e reprimidas por parte da sociedade, procuramos analisar neste trabalho como a população LGBT é representada no programa de televisão “Amor & Sexo”. Transmitido pela Rede Globo de Televisão entre agosto de 2009 e dezembro de 2014, com previsão de estreia de nova temporada em 2016³, sua promessa é tratar de forma descontraída sobre questões que envolvem sexo e relacionamentos. Há uma apresentadora, plateia, banda e convidados. Durante as oito temporadas exibidas até o momento, houve discussão e alguma problematização acerca de temas considerados polêmicos. O programa traz à pauta televisiva várias questões ainda consideradas tabus; ao mesmo tempo, apresenta debates em tom humorístico e quadros informativos acerca dos assuntos escolhidos para cada episódio.

“Amor & Sexo” é um dos poucos programas de entretenimento que se dedica a discutir temas relacionados à sexualidade humana. Na história da televisão aberta brasileira falou-se pouco sobre sexo, com o pioneirismo do programa TV Mulher, também da Rede Globo, exibido nos anos 1980. Desde então e até hoje, encontramos o registro de nove programas sobre o assunto. Os programas que abordaram essa temática passaram de didáticos, no princípio, para humorísticos com foco no entretenimento mais recentemente, o que se reflete por meio das mudanças de formatos e discursos sobre sexualidade transmitidos por diferentes emissoras de televisão aberta.

Partimos da perspectiva de estudos que consideram as diferenças entre homens e mulheres como aspectos definidos não biologicamente, mas sim construídos e moldados de acordo com as visões particulares da sociedade em que estão inseridos. Com as concepções de Judith Butler (2014), Serge Moscovici (2011) e Stuart Hall (2003) procuramos entender como os valores vigentes acerca da sexualidade humana interferem na representação que a mídia desenvolve sobre a população LGBT, especialmente a televisão.

A escolha por “Amor & Sexo” se deu pelo fato de este ser um programa cujo objetivo é, assumidamente, a discussão de questões relacionadas ao sexo e a relacionamentos. A definição pelo objeto de pesquisa deu-se também por se tratar de um programa televisivo cujo tema principal é exibido em canal aberto, e portanto, seus discursos são acessíveis a grande parte do público. Pretendemos colaborar com os estudos que tratam da reflexão sobre os sentidos produzidos acerca de indivíduos cujas identidades sexuais ou de gênero não são

³ A apresentadora de “Amor & Sexo”, Fernanda Lima, publicou em 17 de outubro em sua página na rede social Facebook que o programa retornará à programação no início de 2016 (LIMA, 2015).

compreendidas pela heterossexualidade na mídia brasileira. Por se tratar de um tema atual, acreditamos que a análise aqui desenvolvida possa fornecer conclusões que auxiliem na construção de um discurso midiático mais consciente e responsável, especialmente no que diz respeito ao tratamento destinado aos LGBTs. A preferência pelo programa se deu também pelo apreço às questões LGBT, que se desenvolveu durante o curso de Jornalismo e se manifestou, entre outras ações, com uma reportagem sobre a condição de travestis na cidade de Santa Maria. Intitulada “Do luxo à luta”, a reportagem foi publicada na edição de número 16 da revista “Fora de Pauta”, produzida durante a disciplina de Jornalismo Impresso III, em dezembro de 2014. Foi possível ter um contato aprofundado com Cilene, primeira mulher travesti a trabalhar em um emprego formal na cidade, e com Verônica, também travesti, dona de um alojamento exclusivo para pessoas transgênero que procuram hospedagem em Santa Maria. A partir de entrevistas, visitas, conversas e acompanhamento da rotina das duas, construiu-se um relato sobre a vida delas, desde a descoberta da transgeneridade, os preconceitos sofridos, as dificuldades e realizações pelas quais elas passaram e que as tornaram referência de vida e de luta entre a comunidade LGBT de Santa Maria. A elaboração da reportagem foi marcante e impulsionou a vontade de desenvolver um trabalho de pesquisa que pudesse gerar contribuições e apoio à questão LGBT, por meio da análise da forma pela qual essas pessoas são tratadas e apresentadas ao público ao longo da transmissão televisiva, se existem discriminações praticadas nesta ação e como é possível melhorar esse aspecto.

A questão aqui investigada será a representação de indivíduos contemplados pela sigla LGBT no programa “Amor & Sexo” da Rede Globo. Para isso, pergunta-se: qual é a representação construída pelo programa “Amor & Sexo” acerca da população LGBT? Com esse problema de pesquisa, pretendemos verificar de que forma o programa apresenta as pessoas que não se identificam com a heterossexualidade no decorrer dos episódios. Para isso, buscamos identificar os programas com conteúdos que tratem sobre essas pessoas; verificar os elementos preponderantes no discurso sobre LGBTs; e analisar a construção do discurso acerca dessas pessoas no decorrer da transmissão do programa.

Destacamos que a análise aqui construída foi feita por pesquisadoras heterossexuais, que desconhecem as vivências experimentadas pela população LGBT quando se refere às dúvidas, às dificuldades de aceitação, ao preconceito e à intolerância que essas pessoas suportam em todos os contextos de suas vidas. Ainda assim, tentamos nos colocar com o máximo de empatia e compreensão no desenvolvimento desse trabalho. Embora nosso entendimento sofra influência de nossa orientação sexual e identidade de gênero, salientamos que nossa intenção é elucidar as questões propostas da melhor forma possível.

Entre os trabalhos acadêmicos relacionados à representação da sexualidade na mídia brasileira, é frequente a conclusão de que grande parte dos meios de comunicação fale e mostre a população LGBT a partir de estereótipos de preconceito e deboche. Bezerra (2012), por exemplo, analisa a representação de dois personagens homossexuais, em uma novela brasileira e em uma série de TV estadunidense, e aponta para uma grande diferença entre os personagens, especialmente que na novela brasileira o homossexual é estereotipado com traços femininos e é vítima constante de homofobia. Ao contrário do personagem da série, cuja homossexualidade não é salientada e a relação homoafetiva que o personagem vive é mostrada com naturalidade, a imagem construída na novela brasileira ajuda a perpetuar uma ideia relacionada ao homem gay que não corresponde necessariamente à realidade.

Consideramos relevante o artigo de Barros et al. (2011), em que os autores analisam como a representação da sexualidade é construída pelo programa “Amor & Sexo” a partir dos conceitos de representação, discurso e regime de verdade. Para os autores, o discurso predominante no programa ratifica a heterossexualidade e a monogamia, e é constituído a partir das diferenças binárias entre os sexos masculino e feminino. Assuntos que contrastam com a heterossexualidade e a monogamia, como a homossexualidade, traição, sexo a três e outros são introduzidos no programa de forma negociada, segundo os autores, sem que o discurso perca a concepção hegemônica original. Ainda conforme os autores, a representação de homossexuais é feita sob uma perspectiva heteronormativa – ou seja, o predomínio da ideia da heterossexualidade como o padrão da sexualidade e do comportamento humano –, o que acaba por estigmatizar quaisquer formas que variem desse aspecto. Em nosso trabalho, pretendemos nos aprofundar no estudo dos discursos transmitidos pelo programa e na formação dos sentidos produzidos sobre LGBTs, a partir da análise de trechos específicos em que essas pessoas são mostradas.

Procuramos investigar as representações sobre pessoas cujas orientações sexuais ou identidades de gênero não seguem o modelo desejável pela sociedade na temporada de 2014 de “Amor & Sexo”, de forma a perceber se houve algum avanço no sentido de conceder maior visibilidade às questões LGBT ou se o discurso mantém sua base sustentada na heteronormatividade, conceito explanado no primeiro capítulo. A partir das pesquisas encontradas que possuem afinidade com o tema aqui investigado, consideramos de grande importância uma análise da representação da população LGBT e a discussão acerca das diversas identidades de gênero na televisão brasileira, uma vez que essa é uma mídia massiva presente em 97,2% dos lares do país, ou seja, 63,3 milhões de domicílios (IBGE, 2015). Os assuntos e argumentos apresentados tanto em novelas como em programas de entretenimento

ou meios jornalísticos têm, de certa forma, poder de influência sobre os telespectadores, e a televisão também tem o papel de fomentar o debate sobre múltiplas questões. Quando se trata de cidadania, discriminação e igualdade social, essa relevância torna-se ainda maior.

Numa sociedade interligada midiática e tecnologicamente, parece-nos injustificável que ainda haja espaço para manifestações preconceituosas de pessoas que, por terem preferências heterossexuais, entendam que esta seja a única forma de conduta aceitável para todos os indivíduos. Com o desenvolvimento dessa pesquisa, esperamos que seja possível elucidar as questões propostas e contribuir com o debate acerca da intolerância e da falta de respeito com as diferenças entre as vidas pessoais das pessoas. Acreditamos que os discursos que circulam em todos os âmbitos da sociedade brasileira ainda são, em sua maioria, carregados de preconceito, oriundos talvez da falta de informação e influência dos discursos dominantes disseminados pelos meios de comunicação hegemônicos, influenciados por uma extensa rede de poderes.

No primeiro capítulo, intitulado **Heteronormatividade, gênero e representações**, apresentamos os estudos nos quais nos baseamos para constituir a essência da discussão: com Butler (2014), tentamos desconstruir as noções de gênero baseadas nas funções biológicas do indivíduo na sociedade atual; com Moscovici (2011), tomamos consciência de como as representações sociais são formadas por determinada sociedade em determinado período, e como isso influencia o pensamento e o imaginário da população acerca da comunidade LGBT. Fazemos também um paralelo entre as identidades do sujeito pós-moderno (HALL, 2003), a influência das representações sociais sobre as sexualidades e as condutas aceitáveis ou não pela sociedade, e resgatamos um breve histórico dos programas que trataram sobre sexo na televisão aberta brasileira.

No capítulo **Procedimentos metodológicos**, descrevemos nosso objeto de pesquisa e os aspectos mais relevantes das oito temporadas exibidas até o momento. Apresentamos também o *corpus* de análise e os métodos adotados para a realização desse trabalho. Optamos pela Análise de Discurso (AD) baseada em Benetti (2007) e Orlandi (2001), além dos aspectos abordados por Duarte (2004) acerca da interpretação dos textos televisivos que compreendem aspectos verbais e não-verbais, a fim de nos aproximarmos do objeto e construirmos uma análise que compreenda e elucide a dimensão do problema aqui proposto.

Por fim, no capítulo **Resultados e Conclusões**, discutimos os resultados da análise dos episódios da oitava temporada de “Amor & Sexo” e as conclusões que chegamos a partir da reflexão oriunda das perspectivas teóricas que nos guiaram.

As pesquisas já realizadas não esgotam a questão da representação das sexualidades na mídia, pelo contrário, cada uma se debruça em aspectos particulares que contribuem para o avanço da discussão. Com este trabalho, pretendemos chegar a conclusões que elucidem se a representação da população LGBT é benéfica ou continua sendo preconceituosa e como podemos refletir acerca da questão dos direitos humanos e do respeito para com as diferenças.

1. HETERONORMATIVIDADE, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES

As sexualidades ao longo dos anos sofreram com o poder regulamentador do discurso hegemônico das instituições dominantes, como o Estado, a Igreja e, mais recentemente, o sistema capitalista. Segundo Prado e Machado (2008), a partir do século XIX, o corpo e a sexualidade humana passaram a ser objeto do controle e da moralização da vida social, em um movimento que cunhou uma hierarquização das sexualidades consideradas corretas e adequadas aos padrões vigentes e que deveriam ser estritamente seguidas. As formas distintas da homossexualidade passaram então a ser vistas como imorais e patológicas à medida que o capitalismo e a burguesia ascenderam ao poder e, conseqüentemente, puderam estabelecer hierarquias sociais, conforme os autores.

A sexualidade foi um poderoso combustível que impulsionou essa máquina modernizadora, sendo concomitantemente regulada por ela. Nesse contexto, as práticas e sujeitos homossexuais permaneceram posicionados em condições subalternas no discurso hegemônico contemporâneo, fomentando a formação do preconceito contra homossexuais como um importante mecanismo de manutenção de hierarquias sociais, morais e políticas (PRADO; MACHADO, 2008, p. 13).

Uma vez que as práticas diferentes da homossexualidade foram consideradas impróprias e condenáveis, os indivíduos que as praticavam também eram julgados inadequados à sociedade. O discurso predominante era influenciado pelos discursos religiosos e método-científicos da época, o que “legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 12). Dessa forma, quaisquer atitudes divergentes da homossexualidade eram gravemente rejeitadas. As sexualidades que não seguiam esse padrão, portanto, passaram a ser inferiorizadas com base no discurso apropriado pelos detentores do poder. A religião cristã dominante no Ocidente e a ciência, com discursos baseados em dogmas e estudos rudimentares, respectivamente, tiveram sua parcela de contribuição no desprezo às sexualidades que não seguissem a heteronormatividade.

A heteronormatividade, como explicam Casagrande, Luz e Carvalho (2011), tornou-se um meio regulamentador das práticas dos indivíduos em todos os âmbitos, inclusive na educação. Conforme os autores, o conceito da heteronormatividade se refere a um conjunto de condições que envolvem discursos, valores e práticas em que a homossexualidade é

vivenciada e estabelecida como a única possibilidade legítima da expressão sexual e de gênero. Desse modo, o imaginário coletivo se reveste com a ideia de que a heterossexualidade é o padrão correto que deve ser cumprido em todos os âmbitos sociais.

A heteronormatividade, portanto, se revela segundo Casagrande, Luz e Carvalho (2011) como uma série de reproduções de práticas heterossexuais em todas as instâncias da vida em sociedade, desde a noção de amor romântico, o casamento monogâmico, a constituição da família baseada no agrupamento de pai, mãe e filhos, a fidelidade conjugal, além das noções e representações que regulamentam os comportamentos considerados masculinos ou femininos, com o propósito de reforçar e legitimar as práticas heterossexuais.

Somente no século XX começaram a se desenvolver estudos que criticavam as posições e discriminações resultantes da regulamentação dos sexos masculino e feminino e as atuações esperadas dos indivíduos devido à sua genitália. Surgiram os primeiros estudos sobre os papéis sexuais do homem e da mulher nos anos 1930, e nos anos 1950 e 1960, médicos psicólogos norte-americanos, que constataram diferenciações entre o corpo e a identidade de alguns pacientes, passaram a distinguir sexo biológico e gênero sociocultural (CASAGRANDE; LUZ; CARVALHO, 2011).

1.1 Gênero e Representações

O gênero passou a ser discutido e repensado por pesquisadores como a filósofa americana Judith Butler (2014), que denominou de “performance” as condutas praticadas conforme o que a sociedade considera como comportamento adequado para as mulheres ou o comportamento apropriado para homens.

Para Butler (2014), a compreensão de gênero é uma noção complexa, sobre a qual a reflexão é permanentemente postergada independentemente do contexto. Diferentemente do senso comum cunhado pela heteronormatividade, a ideia de gênero não deve se prender à dualidade masculino-feminino. Além disso, concepções mais profundas devem ser consideradas, como a identidade de gênero, que é “entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2014, p. 39), o que envolve a natureza humana de maneiras muito significativas. Não há como separar a noção de gênero de cruzamentos políticos e culturais em que ela é produzida e mantida, conforme a autora, devido à maneira nem sempre coerente ou consistente em que o gênero se constituiu nos diferentes contextos

históricos e sociais. Além disso, Butler (2014) explica que o gênero estabelece interseções de identidades construídas discursivamente nos âmbitos de raça, classe, etnia, sexualidade e regionalidades.

O gênero, portanto, é uma construção social que se modificou e se consolidou ao longo dos últimos séculos, principalmente em torno da distinção do que é considerado masculino e feminino. Conforme Butler (2014), a distinção entre sexo e gênero questiona a ideia de que a biologia é que os define. Ainda que os sexos sejam binários em sua morfologia, não significa que os gêneros também devam ser considerados apenas dois.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo (BUTLER, 2014, p. 24).

A autora completa que o gênero não depende do sexo biológico portado pelo indivíduo nem de determinados comportamentos ou preferências sexuais. Sexo, gênero e orientação sexual são aspectos independentes em cada pessoa, que podem estar em consonância entre si ou não.

Conforme Butler (2014), a heterossexualidade é entendida como um regime de poder e discurso e a homossexualidade é vista como um aspecto de menor valor na sexualidade humana. “Em alguns discursos psicanalíticos, a questão da homossexualidade é invariavelmente associada a formas de ininteligibilidade cultural e, no caso do lesbianismo, à dessexualização do corpo feminino” (BUTLER, 2014, p. 10). Butler (2014) atenta também que quaisquer variações da heterossexualidade são consideradas inadequadas e condenáveis à sociedade, cujas construções definiram os aspectos do que é masculino ou feminino em características bastante específicas, até antagônicas.

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir”- isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade (BUTLER, 2014, p. 39).

Dessa forma, a sociedade e seus parâmetros tornam-se heteronormativos, ou seja, baseiam-se nas características da oposição masculino-feminino. Uma identidade de gênero

e/ou orientação sexual que não condiz exatamente com o sexo biológico de uma pessoa é considerada imprópria para a sociedade: se o indivíduo possui sexo biológico masculino, deve necessariamente sentir atração por indivíduos do sexo feminino e se comportar das maneiras definidas como masculinas; se possuir genitália feminina, deve obrigatoriamente agir conforme os trejeitos considerados femininos e sentir atração somente por indivíduos do sexo masculino.

O regime heteronormativo descrito por Butler (2014) também é constituído por representações sociais. As representações sociais, para o psicólogo social romeno Serge Moscovici (2011), são formas assumidas forçadamente por coisas ou pessoas para que se encaixem em categorias determinadas na realidade social, caso contrário, podem não ser compreendidas ou decodificadas adequadamente pela sociedade. Essas formas são construídas por cada grupo social ao longo do tempo e sua adoção como padrão é moldada de acordo com os valores vigentes em cada sociedade. Essas representações, embora sejam compartilhadas pelas pessoas, não são pensadas por elas: são “re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (MOSCOVICI, 2011, p. 37) enquanto se inserem no imaginário coletivo e na mente de cada indivíduo, de modo a influenciar também seus pensamentos.

Para o autor, as representações que temos de alguma coisa não são diretamente relacionadas ao nosso modo de pensar, e nem o que pensamos depende das representações. Elas são o produto de uma elaborada sequência de construções e mudanças que ocorrem com o passar do tempo em determinada sociedade, fruto de sucessivas gerações. Todas as imagens e descrições que circulam dentro de uma sociedade, para o autor, implicam uniões de sistemas de imagens, da memória coletiva e também reproduções na linguagem que refletem conhecimentos anteriores; as representações são, portanto, impostas sobre nós.

De acordo com Moscovici (2011), pessoas e grupos sociais criam representações em meio aos processos de comunicação e cooperação. Quanto mais sua origem é esquecida, mais sólida se torna a representação; ela deixa de ser efêmera e mutável para se tornar duradoura e, até, permanente. Da mesma forma, o autor afirma que, quanto menos nós refletimos e nos tornamos conscientes sobre as representações, maior se torna sua influência. “As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos” (MOSCOVICI, 2011, p.46). O autor ainda explica que as representações têm como objetivo extrair conteúdos do mundo e introduzir nele ordens e percepções, de forma a reproduzir esse mundo de uma forma significativa. Para o autor, a representação equivale a imagem/significação; ou seja, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem.

As representações da sociedade atual ligadas às esferas política, científica e humana, conforme o autor, nem sempre têm tempo suficiente para se tornarem tradições imutáveis. Dessa forma, sua importância continua a crescer proporcionalmente com a heterogeneidade de sistemas como as ciências, as religiões e as ideologias, além das mudanças que elas ainda devem sofrer a fim de se introduzirem na vida cotidiana e se tornarem parte da realidade comum. Para Moscovici (2011), os meios de comunicação de massa ajudaram a acelerar essa tendência ao aumentar a necessidade de uma ligação entre as ciências e crenças gerais, puramente abstratas, e as atividades concretas como indivíduos sociais. Criou-se, com isso, uma necessidade de se reconstituir o senso comum, a forma de compreensão que cria o fundamento de imagens e sentidos, e sem a qual nenhuma coletividade pode atuar.

As representações sociais feitas sobre pessoas que não seguem os comportamentos considerados adequados pela heteronormatividade fazem parte do senso comum com uma grande porção de características associadas a essa população, que culminam com a distinção entre homem afeminado e mulher masculinizada, no caso de homossexuais; pessoas com dificuldades para definir sua atração sexual, no caso de bissexuais; e a imagem caricatural de homens vestidos de mulher, com voz grossa e pelos, no caso de travestis. Essas características são consideradas negativas e motivo suficiente para inferiorizar os indivíduos devido às suas orientações sexuais ou modos de agir. Essas representações formam um tipo de padrão de comportamento e apresentação individual que é esperado de pessoas que não seguem o modelo da heteronormatividade, ou seja, estereótipos específicos, que vão reger o que é considerado certo ou errado, moral ou imoral, bom ou ruim. Conforme Moscovici,

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2011, p. 41).

Butler (2014) relata que muitos homens gays não parecem diferentes de homens heterossexuais, e a falta de um estilo ou aparência que sejam claramente distintos entre ambos é entendida por ela como uma espécie de defesa, uma vez que o homem gay não necessariamente corresponde à ideia de homossexual que as pessoas entendem a partir das representações sociais convencionadas. Dessa forma, essas representações não são compreendidas adequadamente, o que gera as mais diversas formas de preconceito.

Além disso, a definição das hierarquias sexuais ajudou a consolidar as formas de preconceito que levam ao ódio contra as sexualidades diversas à heterossexualidade.

No âmbito da sexualidade, o preconceito social produziu a invisibilidade de certas identidades sexuadas, garantindo a subalternidade de alguns direitos sociais e, por sua vez, legitimando práticas de inferiorizações sociais, como a homofobia. O preconceito, nesse caso, possui um funcionamento que se utiliza, muitas vezes, de atribuições sociais negativas advindas da moral, da religião ou mesmo das ciências, para produzir o que aqui denominamos de hierarquia sexual, a qual é embasada em um conjunto de valores e práticas sociais que constituem a heteronormatividade como um campo normativo e regulador das relações humanas (PRADO; MACHADO, 2008, p. 70).

Os meios de comunicação colaboram para a solidificação e manutenção das representações sociais, uma vez que ajudam a disseminar os estereótipos ao divulgá-los em suas programações. A própria representação que a sociedade construiu sobre a mídia contribui com a ideia de que o que é nela apresentado possui credibilidade e corresponde à realidade. Programas humorísticos, novelas, filmes, jornais, telejornais, revistas e a publicidade são exemplos do uso de representações sociais na mídia, muitas vezes de forma pouco verossímil, ofensiva e estereotipada sobre as mais diversas questões.

Entre os 126 personagens LGBT presentes em 62 novelas da Rede Globo, de 1970 a 2013, Silva (2015) constatou que a maioria são homens gays que exibem comportamento extravagante, em consonância com o senso comum construído que considera gays como homens afeminados. No total, foram 76 gays, 24 lésbicas, 16 bissexuais (13 homens) e 8 transgêneros. A autora traçou um perfil comum na representação de grande parte dos personagens, que consistiu na vinculação desses personagens a classes sociais mais baixas, no caso de possuírem comportamento mais afeminado, e de classes mais altas quando os personagens apresentavam condutas heteronormativas. Mesmo que essas representações nas telenovelas tenham ajudado a concretizar os estereótipos e representações sociais acerca da população LGBT, a autora afirma que os personagens são complexos e contraditórios, e ao mesmo tempo, foram capazes de manter padrões e transgredir normas em diversas temáticas.

Embora as representações de pessoas LGBT não sejam condizentes com o pensamento de toda a população, sua influência é tão forte que a falta de espaços específicos para a reflexão faz com que o fenômeno crie força suficiente a ponto de se tornar uma regra. Tornou-se comum associar, por exemplo, homossexuais às imagens de homem afeminado e mulher masculinizada. Quaisquer características diferentes ou que não formem a imagem consagrada dessas representações causam dúvidas e não são facilmente compreendidas, o que pode induzir a formas de preconceito e intolerância.

Se, para Butler (2014), a distinção entre sexo e gênero questiona a ideia de que a biologia é que os define e, além disso, o gênero é culturalmente construído, as representações

sociais formuladas sobre o tema não escapam do senso comum e do preconceito gerado a partir dele. Em uma sociedade que considera o gênero como binário - feminino e masculino -, existe a dificuldade de aceitação de um conceito mais abrangente sobre gênero, que deixe de lado a questão morfológica dos sexos. Associado à influência dos valores morais cristãos vigentes na sociedade ocidental, as práticas sexuais não voltadas à procriação adquirem o sentido de imorais, acrescentando-se, ainda, a opressão do prazer sexual.

Aliado aos conceitos que visam desconstruir as noções de gênero baseadas na heteronormatividade e as representações sociais que levam ao preconceito, temos a concepção de novas identidades culturais, sejam de sexo, de gênero ou de qualquer outra natureza, em um movimento de mudança dos atributos característicos da formação identitária dos indivíduos.

1.2 Identidade Cultural na Modernidade

A fim de explorar algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade, o teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (2003) distingue três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. Segundo o autor, o sujeito do Iluminismo se baseava em uma ideia do ser humano como “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior” (HALL, 2003, p. 10). Esse centro era considerado a identidade de uma pessoa, que emergia no nascimento, se desenvolvia e permanecia essencialmente a mesma ao longo da vida do sujeito. Para o autor, essa é uma ideia considerada demasiado individualista do sujeito e da identidade dele, sempre descrito como masculino.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno. A identidade do sujeito não seria formada de forma autônoma e autossuficiente, mas sim a partir da relação com outras pessoas e a mediação de valores, sentidos, símbolos e a própria cultura em que ele estaria inserido.

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica,

preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público (HALL, 2003, p. 11).

Para Hall (2003), se o sujeito do Iluminismo tinha sua identidade considerada estável e unificada, o sujeito sociológico se torna fragmentado, composto de várias identidades, mesmo contraditórias ou mal resolvidas. O processo de identificação em que projetamos nossas identidades culturais tornou-se então provisório, variável e problemático, segundo o autor. Além disso, esse processo é que produziria o sujeito pós-moderno, em uma concepção de que sua identidade não é fixa, nem essencial ou permanente. A identidade, então,

É definida historicamente, não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2003, p. 13).

Uma noção de identidade unificada, completa, coerente e segura é considerada uma fantasia para o autor que considera que é apresentada às pessoas uma multiplicidade muito grande de identidades possíveis, com as quais é possível se identificar, mesmo que temporariamente.

Diante disso, é possível estabelecer um paralelo entre as identidades do sujeito pós-moderno e a sexualidade humana. Se a identidade não é unificada e coerente em todas as pessoas, também a sexualidade não deve ser considerada em seu aspecto heteronormativo. No entanto, como as identidades e a sexualidade sofrem a influência das representações sociais, têm-se bem definidas as condutas consideradas aceitáveis ou não pela sociedade. Entretanto, com a crescente relevância dos movimentos LGBT na sociedade brasileira, essas noções de sexualidade e identidade estão cada vez menos estáticas e mais fluidas, sem a obrigação de serem definidas de acordo com os padrões vigentes.

A aprovação do Conselho Nacional de Justiça, que tornou obrigatória a todos os cartórios brasileiros a celebração de casamentos entre pessoas do mesmo sexo a partir de maio de 2013, consistiu em um grande avanço nos direitos LGBT, que permitiu às pessoas usufruírem dos mesmos privilégios e garantias dos casais heterossexuais. Para Prado e Machado (2008), os indivíduos que não seguem o padrão heteronormativo tornaram-se uma categoria social estigmatizada por diferentes formas de desigualdade e exclusão social, em uma forma de inferiorização que passou a ser um problema político, que almeja reconhecimento social e a equivalência dos direitos.

Como visto, o direito de família caminha cada vez mais em direção ao reconhecimento da natureza familiar de relações humanas, estáveis e duradouras, fundadas na sexualidade e no afeto, com a intenção de estabelecer-se uma plena comunhão de vida, tendência que fez adentrar no texto constitucional a enumeração das comunidades familiares acima mencionadas [referindo-se às chamadas “família fusional” e “família pós-moderna”, que passaram a privilegiar a satisfação afetiva dos cônjuges e valorizar a individualidade de cada um dos membros do seio familiar a partir da metade do século XX]. Neste rumo, foram superados antigos dogmas relativos às finalidades reprodutivas destas comunidades, antes apresentadas como condições necessárias para o reconhecimento da entidade familiar; também foram ultrapassadas exigências formais, antes satisfeitas unicamente pela celebração do casamento civil ou religioso. (RIOS, 2007, p. 115).

Se até a metade do século XX o conceito de família era baseado no núcleo de pais e filhos sanguíneos, com o foco das relações sexuais voltadas à reprodução, hoje, conforme Rios (2007), podemos perceber que o estabelecimento de uniões heterossexuais ou homoafetivas livres e autônomas, formadas em laços de afeto e sem negar as sexualidades, são muito mais condizentes com o respeito para com a diversidade e, principalmente, à defesa da dignidade humana.

1.3 Movimentos LGBT

Prado e Machado (2008) abordam a constituição e a organização dos movimentos LGBTs desde meados do século XVIII até o início do século XX. O primeiro momento se refere ao aparecimento de manifestações contrárias à punição e recriminação de comportamentos que não seguiam a heterossexualidade na Europa. A França foi o primeiro país a descriminalizar a homossexualidade em 1791, mas nessa mesma época consolidou-se, conforme os autores, a distinção entre homossexuais e heterossexuais. Ao passo em que ocorreu a descriminalização, atribuiu-se à homossexualidade “o caráter de doença que deveria ser tratada” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 91). A partir desse marco, muitos livros, manifestos e poesias foram publicados, em sua maioria anônimos, com o objetivo de questionar a moral sexual vigente.

No século XIX, personalidades como o escritor “Oscar Wilde ganham importância por tornarem amplamente visíveis comportamentos e ideias que desafiavam a moral burguesa” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 92), em um movimento que culminou com o surgimento dos primeiros grupos organizados a se posicionarem publicamente a favor da homossexualidade, como o Comitê Científico Humanitário em 1898, criado pelo médico polonês Magnus

Hirschfeld que realizou, segundo os autores, ações como uma pesquisa para medir a incidência da homossexualidade e a publicação de revistas dedicadas à luta por direitos civis.

No início dos anos 1940, segundo Prado e Machado (2008), **vários grupos** se voltaram para a descriminalização da homossexualidade na Dinamarca e Holanda, movimento que se expandiu nas décadas de 1950 e 60 para Suécia, Noruega, França, Inglaterra, Estados Unidos e outros países. Conforme os autores, usava-se a palavra homófilo no lugar de homossexual, em uma tentativa de destacar a afetividade entre pessoas do mesmo sexo em vez de ressaltar apenas os comportamentos sexuais. O movimento tomou força principalmente nos Estados Unidos, com a criação de dezenas de organizações que questionavam o status social da homossexualidade e contribuíram para a formação de novas noções de identidades sexuais e estratégias de manifesto e enfrentamento que influenciariam os movimentos seguintes.

No dia 18 de junho de 1969, como já havia acontecido diversas vezes e ainda acontece em vários lugares do mundo, a polícia local invadiu um bar com frequência homossexual localizado no bairro Greenwich Village, em Nova York. Nesse dia, no bar que até hoje leva o nome de Stonewall, teve início um levante coletivo contra a repressão policial o qual durou várias semanas. [...] A partir de 1970, no dia 28 de junho, começaram a aparecer marchas em Nova York (e em outros lugares do mundo) com a tarefa de comemorar os acontecimentos de Stonewall e protestar contra o preconceito ainda hegemônico. Essas marchas vieram se configurando no que hoje representa um fenômeno internacional de enorme proporção: as paradas GLBTs (PRADO; MACHADO, 2008, p. 99-100).

Esse momento do século XX, para Prado e Machado (2008) se confunde com várias outras transformações na sociedade, em que movimentos de contracultura tentavam transformar os valores vigentes na cultura ocidental sobre a família, o trabalho, o cotidiano e as relações amorosas. O crescimento da visibilidade das comunidades gays, segundo os autores, fez com que essa parcela da população passasse a se apropriar cada vez mais dos espaços públicos a partir da constituição do orgulho sobre as diferentes identidades sexuais.

O surgimento de grupos LGBT no Brasil e em outros países da América Latina deu-se sob influência direta dos movimentos organizados estadunidenses e europeus, conforme Prado e Machado (2008). Os autores destacam o pioneirismo do advogado João Antônio Mascarenhas, um dos fundadores do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, na cidade de São Paulo em 1978, em um contexto de reabertura política do país, que logo sairia da ditadura militar, e o clima de redemocratização das relações sociais. O Grupo Somos marcou os movimentos LGBT por ser o primeiro a centrar suas discussões em torno de questões políticas e reivindicar um espaço de respeito público para a homossexualidade, segundo os autores, influenciado principalmente pelo jornal Lampião da Esquina. O periódico, criado em abril de

1978, destacou-se pelo conteúdo político ao tratar sobre a homossexualidade, sendo o maior representante da imprensa alternativa brasileira que atingiu os mais altos e diversos níveis de transgressão, para Prado e Machado. “O jornal também contribuiu para que essas transformações culturais e a quebra de tabus pudessem se alastrar, mesmo que timidamente, pelo interior do país, fugindo do eixo Rio-São Paulo, abrindo a discussão sobre os padrões morais vigentes” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 109).

Os autores apontam que os anos 1980 se configuraram em um momento de declínio do movimento LGBT, em razão da epidemia de AIDS que atingia vários países e era relacionada estritamente às práticas homossexuais, além de um contexto de crise econômica no Brasil, falta de recursos e infraestrutura dos grupos. Entretanto, ao longo dos anos 1990, houve um aumento no número de grupos e organizações LGBT, bem como uma diversificação de suas propostas de atuação. Em 31 de janeiro foi criada a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), que passou a agregar entidades de todo o país, segundo os autores, promover ações de intercâmbio entre os grupos, encabeçar discussões sobre direitos civis em âmbito nacional e pressionar políticos para a adoção de políticas públicas inclusivas. Em 1985, o Conselho Federal de Psicologia brasileiro deixou de considerar a homossexualidade como doença, e somente em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade do Cadastro Internacional de Doenças (CID) (AXT, 2004). Ambas as mudanças consistiram em marcos para a visibilidade das sexualidades distintas da heterossexualidade.

Atualmente, percebemos que a maior parte dos grupos que defendem os direitos da população LGBT “se institucionaliza sob o formato de ONGs” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 113), e segundo os autores, esse número tem crescido ao longo dos anos 2000. Percebemos também, ao observar a linha do tempo da luta LGBT, que o movimento nunca teve tanta visibilidade na mídia brasileira, e que o apoio da população em geral tem aumentado nos últimos anos. O advento da internet e a popularidade das redes sociais também têm contribuído para o entendimento das questões defendidas pelo movimento, e conseqüentemente, para passos mais firmes em direção ao fim dos preconceitos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero.

1.4 Programas sobre sexo na TV aberta brasileira

Nas últimas décadas e, principalmente no século XXI, podemos observar que a discussão sobre a diversidade sexual e os comportamentos divergentes da heteronormatividade adquiriram visibilidade cada vez maior na mídia brasileira. Se hoje o debate acerca da sexualidade humana ainda é restrito, no século XX era quase uma proibição; as noções de sexualidade estavam restritas à esfera do matrimônio, e deveriam servir para a constituição de famílias, com forte restrição à ideia do prazer relacionado às práticas sexuais. A mídia, como um reflexo do imaginário social, também exercia seu papel de levar à pauta somente os assuntos considerados adequados pela sociedade da época.

Aos poucos, *gays*, lésbicas, travestis, transexuais entre outros deixam de ser lendas urbanas, anomalias sociais ou sujeitos patologizados, para se tornarem sujeitos políticos, que passam a reivindicar equivalência de direitos implicada muitas vezes pela construção de novos direitos sociais e/ou pela desconstrução de direitos estabelecidos (PRADO; MACHADO, 2008, p. 14, grifo dos autores).

Como explicado por Prado e Machado (2008), somente a partir da segunda metade do século XX a população LGBT começou a dar seus primeiros passos em busca de direitos que lhes eram negados e a lutar contra a marginalização imposta por uma sociedade preconceituosa e heteronormativa. Para os meios de comunicação, falar sobre a sexualidade humana, e mais ainda, sobre práticas que contrariassem a heterossexualidade, não foi um trabalho fácil ou simples. Em nossa pesquisa, encontramos registros de nove programas que trataram sobre sexo em um período de mais de 30 anos na televisão aberta brasileira.

O primeiro programa que abordou a sexualidade na televisão foi “TV Mulher”, da Rede Globo, que tratava de variedades e era voltado à mulher moderna da época. Exibido entre abril de 1980 e junho de 1986, “TV Mulher” era apresentado por Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias e transmitido ao vivo, inicialmente apenas para São Paulo, Rio de Janeiro e Juiz de Fora. O programa tinha um quadro sobre sexo, apresentado pela sexóloga Marta Suplicy, chamado “Comportamento Sexual” (Figura 1). Pela primeira vez na televisão brasileira falou-se sobre questões como menstruação, orgasmo, impotência, entre outros (MEMÓRIA GLOBO, 2013a), de forma didática, com objetivo de levar informação aos telespectadores.



Figura 1 – Marta Suplicy comandou o primeiro quadro sobre sexo na TV aberta brasileira
Fonte: Memória Globo, 2013a.

Somente treze anos após o fim de “TV Mulher” outra emissora investiu em um programa sobre sexo. “Erótica” foi exibido no canal MTV Brasil⁴ entre janeiro de 1999 e novembro de 2001 com o objetivo de falar sobre sexo de forma descontraída e tirar dúvidas da plateia. O programa teve três temporadas, com apresentação da modelo e atriz Babi Xavier na primeira; da atriz Ludmila Rosa e do modelo Júlio Coimbra na segunda e da modelo Tathiana Mancini na terceira temporada. Nos três anos, houve a participação do médico psiquiatra Jairo Bouer. Entre 2011 e 2012, o programa retornou à grade do canal com outra proposta: exibia sequências de clipes musicais com conteúdo erótico (AMARANTE, 2000).

A MTV ainda apostou em outros programas com a mesma temática ao longo dos anos 2000: o “Peep MTV” foi exibido de março a dezembro de 2002, com os apresentadores Jairo Bouer, Didi Wagner e Penélope Nova, que respondiam perguntas de telespectadores (ISTOÉ GENTE, 2002). O programa “Ponto Pê”, também apresentado por Penélope Nova, foi exibido de janeiro de 2004 a dezembro de 2007. A apresentadora discutia as dúvidas sobre sexo dos telespectadores que entravam em contato via telefone e internet (RIPARDO, 2006).

Em 2006, estreou no canal SBT⁵ o programa “Aprendendo Sobre Sexo”, com apresentação da psicóloga com especialização em sexologia Carla Cecarello. Com discrição e

⁴ A MTV Brasil foi uma emissora de televisão brasileira criada em outubro de 1990 e extinta em setembro de 2013. Dedicada ao público jovem, foi a primeira rede de televisão aberta segmentada no país. Exibia conteúdo musical em grande parte de sua programação, além de programas de entretenimento de assuntos variados como moda, relacionamentos, sexo, comédia, notícias e outros (TEIXEIRA, 2006).

⁵ O canal SBT entrou no ar com o nome de Studio Silvio Santos Cinema e Televisão Ltda., ou simplesmente TVS, em maio de 1976, sob a concessão pública cedida ao empresário Silvio Santos, dono de um grande conglomerado de empresas variadas. O canal é conhecido pela tradição de seus programas de auditório, que fazem sucesso desde o início das exibições (SBT, 2015; MEMÓRIA NO AR, 2013).

bom humor, a apresentadora comentava de forma didática as dúvidas da população, que participava por telefone, email ou em gravações nas ruas de São Paulo (AMIN, 2006).

Logo depois, em 2007, o programa “Altas Horas” da Rede Globo incluiu um quadro (MEMÓRIA GLOBO, 2013c) com a sexóloga Laura Müller, que desde então, responde às dúvidas da plateia sobre sexo.

“Podsex” foi exibido de fevereiro a dezembro de 2009 na MTV e era apresentado pelas VJs Kika Martinez e Titi Müller, que buscavam conversar sobre sexo com naturalidade e respondiam às dúvidas da audiência que participava por telefone. Sucesso no Portal MTV, o programa surgiu como *podcast* e depois foi para a televisão (CONDE, 2009). Em 2012 surgiu o “MTV Sem Vergonha”, exibido de março de 2012 a agosto de 2013. Apresentado por Titi Müller e pelo jornalista Didi Effe, o programa recebia convidados que respondiam perguntas sobre sexo e participavam de quadros (MTV, 2012).

O programa mais recente a tratar sobre sexo na televisão brasileira é “Amor & Sexo”, cuja primeira temporada estreou em 2009 e a oitava foi exibida em 2014 com a apresentação da modelo, atriz e jornalista Fernanda Lima. Segundo o diretor Ricardo Waddington, o objetivo do programa é entreter e falar sobre sexualidade e relacionamentos (MEMÓRIA GLOBO, 2013b).

Avaliando a proposta dos nove programas sobre sexo exibidos ao longo dos anos na televisão aberta brasileira, observamos o uso de gêneros distintos (revista, auditório e variedades)⁶, mas todos os programas se enquadram na categoria entretenimento e a maioria aborda o tema reunindo humor e informação (Quadro 1). As exceções são verificadas nos casos em que o assunto é tratado por profissionais como médicos ou sexólogos.

⁶ Para Aronchi de Souza (2004, p. 130) “a formatação do gênero revista é muito parecida com a dos programas de jornalismo e variedades, tendo como diferencial a postura mais comprometida com a categoria informativa do que com a de entretenimento”. O autor considera que o gênero variedades é uma reclassificação do gênero auditório e é semelhante ao gênero revista, no entanto, recorre a alguns elementos como auditório e improvisado para preencher um longo tempo na programação. No gênero auditório, Aronchi de Souza (2004) destaca a presença do palco e da plateia, a interação entre apresentador e público e exibição de formatos diferenciados como reportagens, musicais, jogos, etc.

Programa/Canal	Ano de estreia	Características
TV Mulher/Rede Globo	1980	Informação
Erótica/MTV	1999	Informação e humor
Peep MTV/MTV	2002	Informação e humor
Ponto Pê/MTV	2004	Informação e humor
Aprendendo sobre sexo/SBT	2006	Informação e caráter didático
Altas Horas/Rede Globo	2007	Informação
Podsex/MTV	2009	Informação e humor
MTV Sem Vergonha/MTV	2012	Humor
Amor & Sexo/Rede Globo	2009	Informação e humor

Quadro 1 – Programas sobre sexo na televisão aberta brasileira.

Fonte: elaboração da autora

Observamos que os programas televisivos abordaram a sexualidade primeiramente de maneira informativa, em parte didática, cujo objetivo era esclarecer dúvidas comuns do público, como uso de métodos anticoncepcionais, gravidez, impotência, etc., com o foco em pessoas heterossexuais e casadas. Houve uma diferença notável do primeiro programa para os próximos, produzidos pela MTV, que passaram a tratar o assunto com mais naturalidade e traços humorísticos. Em “Aprendendo Sobre Sexo” retoma-se a informação como principal componente do programa, que dessa vez concentrava-se em “ensinar” aos telespectadores algumas questões relacionadas às práticas sexuais que pudessem causar dúvidas. O quadro com a sexóloga em “Altas Horas” tornou-se bastante conhecido por falar sobre sexualidade para jovens, novamente com o foco no esclarecimento de dúvidas. De 2009 até atualmente, os programas sobre sexo consolidaram sua essência no entretenimento e no humor, e passaram a incluir a discussão de temas considerados polêmicos e outras formas de sexualidade além da heterossexual.

No capítulo a seguir, apresentamos o programa “Amor & Sexo”, as características presentes em cada temporada exibida, o *corpus* de pesquisa e os métodos adotados para a análise da representação da população LGBT na temporada de 2014.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Objeto de pesquisa

“Amor & Sexo” é um programa de entretenimento⁷ da televisão brasileira, transmitido em TV aberta pela Rede Globo de Televisão entre os anos de 2009 e 2014 com a proposta de abordar “de maneira divertida e informal, dois dos assuntos mais polêmicos e misteriosos do mundo: amor e sexo” (MEMÓRIA GLOBO, 2013b, online).

Apresentado pela modelo, atriz e jornalista Fernanda Lima, com direção de Ricardo Waddington e roteiro de Rafael Dragaud, o programa de exibição semanal era gravado e tinha duração entre 31 e 40 minutos, tempo dividido em dois ou três blocos.

O programa estreou em 28 de agosto de 2009 e teve sua última exibição em 18 de dezembro de 2014, totalizando oito temporadas, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Temporadas do programa “Amor & Sexo”

Temporada	Data de exibição	Nº de episódios
1	28 ago. 2009 a 6 nov. 2009	10
2	1 fev. 2011 a 22 mar. 2011	8
3	7 jul. 2011 a 1 set. 2011	9
4	3 nov. 2011 a 22 dez. 2011	8
5	31 jan. 2012 a 6 mar. 2012	6
6	6 set. 2012 a 25 out. 2012	6
7	3 out. 2013 a 19 dez. 2013	12
8	9 out. 2014 a 18 dez. 2014	11

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Memória Globo (2013b).

⁷ Aronchi de Souza (2004) classifica os programas de televisão brasileira em cinco categorias baseadas em pesquisa anterior de Marques de Melo (1985): entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. Aronchi de Souza (2004, p. 39, grifo do autor) afirma: “qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele *deve sempre entreter e pode também informar*”. O autor se utiliza de um conceito do manual de produção da British Broadcasting Corporation (BBC) da Grã-Bretanha para justificar sua assertiva. “O entretenimento é necessário para toda e qualquer ideia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Entreter não significa somente vamos sorrir e cantar. Pode ser interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertando sua vontade de assistir. Isso é entretenimento” (WATTS, 1990, p. 20 apud ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 38-39).

Em todas as temporadas⁸, “Amor & Sexo” contou com diversos quadros e reportagens, mas sua apresentação geral manteve-se com plateia, banda musical e convidados, enquadrando-se como um programa do gênero auditório com inclusão de vários formatos como competições e jogos de perguntas e respostas. Segundo Aronchi de Souza (2004, p. 94):

Os programas de auditório prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa, aproximando-se da mesma linguagem utilizada pelo circo. O público do gênero auditório também comparece para mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar e dar opinião, sempre instigada pela figura do apresentador, que centraliza a atenção e conduz o programa. [...] A sucessão de quadros musicais, entrevistas, jogos e atrações diversas faz do programa de auditório um gênero que comporta facilmente vários formatos: há pequenas reportagens, debates, videoclipes e encenações que dão ritmo à produção.

Em “Amor & Sexo” a plateia de aproximadamente 400 pessoas (MEMÓRIA GLOBO, 2013b) interagia com a apresentadora e com os convidados e a banda comandada pelo cantor Leo Jaime era responsável por animar o programa com músicas relacionadas ao tema da sexualidade. Na Figura 2, podemos observar o cenário composto, ao fundo, pela banda; no meio, o palco; à frente, a bancada de jurados; em volta do palco, a plateia.



Figura 2 – Cenário de “Amor & Sexo”
Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”. 25/10/2012.

⁸ A descrição da primeira até a sétima temporada de “Amor & Sexo” foi realizada a partir de pesquisa de textos e vídeos do programa disponíveis no site Memória Globo. Já os vídeos da oitava temporada foram obtidos no site do programa “Amor & Sexo” (GSHOW, 2014).

A primeira temporada foi exibida nas noites de sexta-feira. A atração tinha a consultoria da psiquiatra, sexóloga e professora Carmita Abdo, que respondia perguntas de telespectadores, enviadas via e-mail ou telefone. Os principais quadros eram “Strip Quizz” (convidados especiais deveriam responder perguntas gerais e íntimas sobre sexo feitas pela apresentadora) e “Caindo na Pista” (apresentadora ia às ruas para tentar encontrar um pretendente para outra pessoa). Um casal realizava entrevistas nas ruas: Fábio e Valéria Gonçalves, de 78 e 69 anos, faziam perguntas como: Você perdoaria uma traição? Qual foi a última vez que fez sexo? O que você faria se mudasse de sexo por um dia? As respostas destacavam a surpresa de quem era abordado por um casal de idosos que falava sobre sexo.

A segunda temporada foi exibida às terças-feiras. Além de manter as reportagens feitas pelo casal Fábio e Valéria Gonçalves e também o quadro “Strip Quizz”, estrearam novas atrações: “Gayme”, “Ponto Q”, “Jogo de Cama” e “Sexo Selvagem”. “Gayme” era um tipo de gincana em que três homens homossexuais disputavam três provas: conseguir o telefone de uma mulher na praia, uma corrida com sapatos de salto alto e trocar o pneu de um carro no palco do programa. O prêmio era um cruzeiro com acompanhante. O quadro era apresentado pelo ator Maurício Branco, que usava roupas coloridas e gírias como “bofe” e “bee” – que se referem a homens em geral e a homens gays, respectivamente – em uma representação bastante estereotipada de homossexuais. Além disso, pode-se dizer que os homossexuais – só os homens, pois não houve participação de mulheres no quadro – não possuíam um lugar, pois deveriam cumprir tarefas consideradas femininas ou masculinas de uma forma específica esperada pelo público. Por exemplo, deveriam saber andar de salto alto ou não saber trocar o pneu de um carro simplesmente porque são homossexuais e sua orientação sexual implicaria isso. Em “Ponto Q”, a apresentadora perguntava a pessoas nas ruas o significado de palavras relacionadas ao universo sexual; em “Jogo de Cama”, um convidado respondia perguntas e deveria demonstrar como se faz determinada posição sexual em uma cama no palco do programa; e em “Sexo Selvagem”, Fernanda Lima e o apresentador André Marques investigavam os hábitos sexuais de alguns animais. Os demais quadros tinham participação de convidados, da plateia e de pessoas nas ruas. Fernanda Lima também fez reportagens especiais em Nova York, nos Estados Unidos, em que realizava entrevistas sobre temas relacionados ao universo erótico.

Na terceira temporada, exibida às quintas-feiras, foram mantidos os quadros “Strip Quizz”, “Sexo Selvagem” e “Jogo de Cama”, além das reportagens e entrevistas feitas pelo casal Valéria e Fábio Gonçalves. O marido de Fernanda Lima, o ator Rodrigo Hilbert, passou a comandar o quadro “Coisa de Macho”, em que mostrava atividades como fazer depilação ou

compras no mercado como “coisas de homem”. Dois novos quadros foram inseridos: “Vai Ter que Rebolar” (um convidado deveria propor soluções para situações descritas pela apresentadora) e “Frase do Dia” (a apresentadora lia um texto sobre sexo e os convidados e a plateia deveriam acertar quem era o autor da citação). Fernanda Lima também fez reportagens sobre abstinência sexual no esporte, despedida de solteira e comidas afrodisíacas.

A quarta temporada de “Amor & Sexo” foi exibida às quintas-feiras e os quadros “Jogo de Cama” e “Strip Quizz” foram mantidos. A apresentadora Fernanda Lima fez uma série de reportagens sobre sexualidade e relacionamentos no Japão, e no Brasil, o músico Leo Jaime complementava os temas das matérias entrevistando brasileiros nas ruas. O diretor Ricardo Waddington posicionou-se contra a intolerância sexual no lançamento da temporada e, ao final de cada edição, os convidados recebiam camisetas com a palavra “não”, em uma campanha contra o preconceito e a homofobia (MEMÓRIA GLOBO, 2013b). Esse movimento marcou a posição ideológica que o programa passou a retratar. Anteriormente, os homossexuais eram pouco mencionados e sua representação não ia além da sátira. A partir de então, a homossexualidade passou a ser mais discutida e tematizada.

A quinta temporada de “Amor & Sexo” foi exibida no começo de 2012 às terças-feiras. O quadro “Strip Quizz” foi mantido em parte dos episódios. Como na temporada anterior, a apresentadora realizou uma série de reportagens sobre os temas que envolvem o nome do programa. Ela visitou Portugal e Angola, enquanto o músico Leo Jaime perguntava nas ruas do Rio de Janeiro como os brasileiros encaravam as mesmas questões. Da mesma forma que na temporada anterior, os convidados recebiam camisetas ao final de cada episódio, dessa vez com a palavra “sim” estampada, em defesa da liberdade individual, da diversidade e do respeito (MEMÓRIA GLOBO, 2013b), como demonstrado na Figura 3, em que aparecem o diretor do programa Ricardo Waddington, o roteirista Rafael Dragaud, a apresentadora Fernanda Lima e o cantor Leo Jaime com as camisetas. Além de ampliar a discussão sobre a sexualidade, o programa também começou a abordar a liberdade sexual tanto da mulher como do homem.



Figura 3 – Campanha pelo “sim” à diversidade no lançamento da quinta temporada
 Fonte: Divulgação TV Globo.

Na sexta temporada, exibida às quintas-feiras do segundo semestre de 2012, o programa passou por uma reformulação geral em seu formato, inspirado em programas de auditório clássicos e apresentadores como Chacrinha e Flávio Cavalcanti (MEMÓRIA GLOBO, 2013b). Foi retirado o telão no qual eram exibidas as reportagens – que deixaram de ser feitas –, acrescentou-se mais espaço ao cenário e figurino especial para a banda, além da inclusão de um balé formado por dez homens que dançavam com a apresentadora no início do programa. A partir desta temporada consolidou-se a bancada de jurados formada pelos atores Mariana Santos, José Loreto, Alexandre Nero, Otaviano Costa, o escritor Xico Sá e a psicanalista Regina Navarro Lins, que opinavam e relatavam experiências pessoais sobre os temas abordados em cada episódio. Com a retirada do telão, o palco passou a ter mais importância na realização das brincadeiras e discussões. Segundo Memória Globo (2013b), no programa de 4 de outubro de 2012 o ator Alexandre Borges participou de um jogo em que deveria se posicionar a respeito de situações vividas por pessoas de diferentes orientações sexuais. Fernanda Lima girava uma roleta que definia o ponto de vista que o ator deveria assumir para responder questões sobre casamento, filhos e preconceito; depois, as opiniões dele eram comentadas por um grupo formado por um padre, um monge, um reverendo e um babalawo (sacerdotes do Culto de Ifá, religião de origem africana). Este foi o único registro encontrado a respeito da inclusão e discussão sobre orientações sexuais diferentes da heterossexual nesta temporada de “Amor & Sexo”. O grupo de jurados sofreu poucas alterações nos episódios seguintes e recebia novos convidados a cada edição do programa. O figurino de Fernanda Lima também passou por mudanças. Se, nas temporadas anteriores, as

roupas da apresentadora consistiam em saias, calças, blusas e vestidos tradicionais, a partir da sexta temporada o figurino ficou mais ousado, com peças de estilistas brasileiros e estrangeiros que destacavam cada vez mais a sensualidade da apresentadora, como exemplificado na Figura 4. As imagem de cima correspondem aos figurinos da segunda, quarta e oitava temporadas, respectivamente, e as imagens de baixo são da oitava temporada.



Figura 4 – Figurino de Fernanda Lima em diferentes temporadas do programa
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Memória Globo (2013b) e reprodução “Amor & Sexo”.

Na sétima temporada, exibida às quintas-feiras do final de 2013, Fernanda Lima passou a cantar além de dançar com os bailarinos nas aberturas do programa. O primeiro episódio, cujo tema foi a nudez, teve um desfile de dez pessoas nuas no palco. Manteve-se a bancada de jurados da temporada anterior e a participação de convidados especiais a cada edição. O figurino de Fernanda Lima passou por mais mudanças, com o uso de tecidos com muito brilho e pedrarias e cabelos modelados de formas diferenciadas a cada programa. Tudo isso construiu uma perspectiva performática da apresentação de “Amor & Sexo”, em que Fernanda Lima não só conduzia o andamento do programa, como também fazia parte da composição criativa do cenário ao usar figurinos chamativos, com muito apelo à sensualidade.

2.2 A composição do *corpus* de análise

A temporada aqui analisada é a oitava, exibida às quintas-feiras no segundo semestre de 2014, às 23h10min. Optamos por esse recorte pela facilidade de acesso aos vídeos do programa, disponíveis na íntegra no site da emissora. Dessa forma, foi possível assistir todos os episódios e fazer *download* dos vídeos. Cada um dos onze programas dessa temporada teve um tema geral que norteava as discussões e quadros, além da presença de convidados especiais (Quadro 2). A bancada de jurados era composta em todas as edições pelos atores José Loreto, Otaviano Costa, Mariana Santos, o jornalista e escritor Xico Sá e a psicanalista Regina Navarro Lins.

Episódio	Data	Duração	Tema	Convidados
1	9 out. 2014	40'15''	Sexo se separa do amor	Atores Chay Suede e Fiorella Mattheis
2	16 out. 2014	34'23''	Amor/Romantismo	Ator Dudu Azevedo
3	23 out. 2014	35'25''	Macho	Lutador Anderson Silva e atriz Cris Vianna
4	30 out. 2014	39'47''	Mulher poderosa	Atores Letícia Spiller e Klebber Toledo e Miss Brasil 2014 Melissa Gurgel
5	6 nov. 2014	36'04''	Preconceito	Humorista Dadá Coelho
6	13 nov. 2014	31'58''	Humor	Humorista Dadá Coelho, atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank
7	20 nov. 2014	33'36''	Mundo digital	Atriz Bruna Marquezine, jornalista Eduardo Bueno e especialista em internet Bia Granja
8	27 nov. 2014	35'31''	Amor à moda antiga	Cantor Rodrigo Suricato, humorista Dadá Coelho e atriz Dulce Maristany
9	4 dez. 2014	36'34''	Olhar	Atores Paolla Oliveira, Márcia Cabritta, Marcos Pasquim e Dulce Maristany
10	11 dez. 2014	39'37''	Autoestima	Estilista Dudu Bertholini, ator Daniel Rocha e cantora Anitta
11	18 dez. 2014	38'05''	Família brasileira	Atores Letícia Spiller e filho Pedro Novaes, Alexandre Borges, Dulce Maristany, jornalista Glória Maria e humorista Dadá Coelho

Quadro 2 – Síntese da oitava temporada de “Amor & Sexo”

Fonte: Elaboração da autora.

Após assistirmos aos onze episódios da oitava temporada de “Amor & Sexo”, foram encontrados trechos em que se tratava especificamente sobre pessoas LGBT em seis episódios. O Quadro 3 apresenta os trechos dos episódios que compõem nosso *corpus* de pesquisa e os aspectos mais significativos que compõem essa análise.

Episódio	Duração total do programa	Duração do(s) trecho(s)	Descrição do(s) trecho(s)
2	34'23''	8'55''	Celebração de união estável entre dois casais homoafetivos
3	35'25''	40'' / 1'28'' / 54''	Relato de homem transexual/Estereótipo do gay
5	36'04''	3'' / 48''	Beijo entre homens/Bissexualidade
7	33'36''	1'20''	Combate ao preconceito em um canal de vídeos
8	35'31''	5''	Expressões de nojo em um beijo gay
11	38'05''	4'20''	Experiências positivas de arranjos familiares com homossexuais

Quadro 3 – Episódios da oitava temporada que abordaram as sexualidades LGBT

Fonte: Elaboração da autora

2.3 Aspectos metodológicos

A Análise de Discurso, segundo Eni Orlandi (2001), tem o objetivo de compreender como determinado objeto simbólico produz sentidos e como se reveste de significados para e por sujeitos, o que implica investigar como os textos organizam gestos de interpretação para relacionar sujeito e sentido. O discurso, para a autora, é a palavra em movimento e as práticas de linguagem, cujo estudo permite observar o homem se comunicando.

Ainda para Orlandi (2001), a análise de discurso (AD) permite que nos coloquemos em um estado de reflexão que leva ao estabelecimento de uma relação menos ingênua com a linguagem. “Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos” (ORLANDI, 2001, p. 9) e a consciência de que não se pode deixar sujeitar aos equívocos e à opacidade da linguagem são características fundamentais a uma análise que

pretende investigar os sentidos produzidos e colocados sobre cada texto. Esses sentidos são determinados a partir de posições ideológicas e do processo sócio-histórico em que a mídia produz seus discursos, segundo a autora; da mesma forma, os textos podem mudar de sentido segundo as posições de quem os emprega.

A construção dos discursos é feita pelos indivíduos, segundo Benetti (2007), subordinada a enquadramentos sociais e culturais em determinado âmbito sócio-histórico e ideológico. O discurso das mídias, por ser produzido pelo homem e sujeito aos seus posicionamentos, deve ser analisado necessariamente considerando-se o contexto da produção dos sentidos.

O dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se inscreve. Esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário. Dizer e interpretar são movimentos de construção de sentidos, e, assim como o dizer, também o interpretar está afetado por sistemas de significação. A AD está preocupada com esse movimento de instauração de sentidos, que exige compreender os modos de funcionamento de um discurso (BENETTI, 2007, p. 109).

Para Orlandi (2001), não há sentido que não seja determinado ideologicamente. Isso não está na essência das palavras, mas sim, na maneira como o discurso é perpassado pela ideologia. O estudo dos discursos, portanto, tem o objetivo de explicitar as articulações construídas na relação da linguagem com a ideologia. Em consonância com Benetti (2007) e Orlandi (2001), Charaudeau e Maingueneau (2014) afirmam que:

O discurso é orientado. Ele é “orientado” não somente porque é concebido em função do *propósito* do locutor, mas também porque ele se desenvolve *no tempo*. O discurso se constrói, com efeito, em função de um fim, considera-se que ele vai chegar a alguma parte (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 170, grifos dos autores).

A partir disso, a utilização da AD como abordagem metodológica para analisar a representação de pessoas LGBT em “Amor & Sexo” permite que o programa seja estudado considerando-o também como um tipo de texto. A televisão é uma produção textual em que o discurso também se encontra impregnado por formações ideológicas determinadas. A interpretação dos sentidos dos textos televisivos, conforme Duarte (2004), está estreitamente relacionada ao processo comunicativo no qual eles se inserem. O campo televisivo, como qualquer outro, é controlado por regras que definem a sua colocação na mídia, o que impede que qualquer pessoa possa ter acesso ao discurso.

Ninguém entra no processo comunicativo televisivo como enunciador se não satisfizer certas exigências e se não estiver qualificado para entrar no jogo: assim, poucos podem ser os enunciadores do discurso televisivo, embora não haja restrições para os enunciatários (DUARTE, 2004, p. 30).

Essas regras pressupõem a existência de um contrato comunicativo silencioso entre os enunciadores televisivos e o grupo social que corresponde ao seu interesse; ou seja, o objetivo dos enunciadores é a veiculação, a credibilidade e a aceitação de seu discurso pelo grupo social a que se destina. Nos programas televisivos, segundo Duarte (2004), as regras desse contrato atuam de modo que se façam adaptações para a adesão do telespectador que interessa aos enunciadores. Para a autora, os programas televisivos consistem em produções coletivas que, mesmo com diferentes sujeitos – os âncoras, atores, entrevistados, redatores, câmeras, a emissora, as forças políticas e econômicas por trás da emissora, os telespectadores –, a instituição, ou seja, a emissora, ainda “é o único sujeito econômico, jurídica e socialmente responsável por todos os produtos veiculados” (DUARTE, 2004, p. 32). Em “Amor & Sexo”, há a apresentadora, a banda, a bancada de jurados, convidados e roteiristas, todos enunciadores, mas é a Rede Globo de Televisão que mantém responsabilidade pelo programa e tudo que é nele veiculado. Como qualquer outra organização de caráter comercial, uma emissora de televisão visa lucros. Desse modo, conforme Duarte (2004), os programas veiculados são como produtos em oferta aos telespectadores e disputam um mercado. A aceitação ou recusa do público em relação a determinado programa, medida através da audiência, sustenta a obtenção de patrocínios que financiam os produtos televisivos. Ainda que “Amor & Sexo” não tenha merchandising em sua exibição, a continuação de sua produção depende da audiência que o programa rende à emissora. A oitava temporada do programa, por exemplo, manteve uma taxa de audiência considerada boa (UOL, 2014) em relação a outros programas exibidos em condições semelhantes.

Nesse sentido, Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 199) sustentam que:

Em análise de discurso, o interesse não se volta para os sujeitos considerados independentemente das situações de comunicação. É, aliás, significativo que se fale de “enunciador” tanto para um enunciado elementar quanto para o conjunto de um texto que emerge de um determinado gênero de discurso.

A produção de sentidos tem um direcionamento, isto é, é produzida para um outro que, no caso de “Amor & Sexo”, configuram-se como os telespectadores. O enunciador caracteriza-se como o próprio programa, uma vez que consideramos integralmente a sua textualidade, o que envolve todas as pessoas e discursos que possuem espaço no programa.

Segundo Duarte (2004), para que seja possível analisar produtos midiáticos, é necessário incluir na noção de texto todos os processos que os compõem, desde as condições de produção ao reconhecimento dos sentidos produzidos. Dessa forma, dispõe-se de uma textualidade que contém os mecanismos necessários para a interpretação dos fenômenos textuais. Em uma opção da forma de tratamento das questões de enunciação, segundo a autora, pode-se recuperar aspectos históricos e sociológicos para dotar o texto de sentido, de modo a traçar limites entre o texto e seu contexto, em que os sentidos são submetidos a uma relação obrigatória e lógica entre esses termos. Além disso, incluímos na noção de texto os aspectos verbais e não-verbais do programa. Como elucida Benetti (2007, p. 108), “o termo ‘fala’ não se restringe à expressão oral, mas contempla todo ato de enunciação discursiva, seja verbal ou não-verbal”.

Para Duarte (2004), uma questão importante é o modo em que os atores sociais, sejam artistas, pessoas célebres da vida social, política e cultural ou mesmo cidadãos comuns, são transformados pela televisão em atores discursivos, que muitas vezes desempenham papel de enunciadores no interior dos textos-programas, como os apresentadores, âncoras, repórteres, convidados, entre outros. Existe a diferenciação, para a autora, em que esses atores sociais assumem papéis exclusivamente discursivos, como no caso de atores que representam personagens em novelas ou seriados, em que os jogos comunicativos ocorrem apenas em nível discursivo. Por outro lado, em programas informativos, telejornais, reportagens, documentários, *talk-shows*, entrevistas e outros, a televisão reúne atores sociais que recebem papéis discursivos de âncoras, apresentadores, repórteres ou participantes de programas. Nesse caso, segundo a autora, eles não devem perder sua identidade enquanto atores sociais, pois dela dependem os efeitos de sentidos que serão produzidos.

Além de transformar os atores sociais em co-enunciadores de seus textos, a televisão os faz participar de diferentes atos comunicativos simultâneos. Em “Amor & Sexo”, Fernanda Lima, modelo, jornalista e atriz, representa o papel de apresentadora, que conduz o programa e aparenta certa liberdade para também conduzir os discursos. A bancada de jurados presente na oitava temporada reúne diversos atores sociais – entre atores da emissora, principalmente, uma psicanalista, um cantor, uma banda e outros convidados – que representam papéis enunciativos no programa, mas que devem manter suas identidades pessoais, ou seja, estão no programa como pessoas comuns, com suas próprias opiniões e personalidades.

Na análise de “Amor & Sexo”, pretendemos investigar justamente como é construído o discurso acerca de pessoas cujas identidades sexuais são contempladas pela sigla LGBT e os elementos aí preponderantes. Para isso, é necessário definir Formações Discursivas (FDs),

“uma espécie de *região de sentidos*” (BENETTI, 2007, p. 112, grifo da autora) restritas a um limite interpretativo que consolida um determinado sentido nuclear do discurso. A formação discursiva, para Orlandi (2001), “determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2001, p. 43). As FDs servem como instrumento de agrupamento das características mais marcantes do discurso e seus sentidos nucleares. A partir dessa definição, é possível investigar a forma como o discurso foi construído, interpretar o que se propõe a dizer por meio dele e estabelecer as regularidades no seu funcionamento.

O jornalismo e a mídia contribuem para o estabelecimento de consensos sobre valores e parâmetros sociais do que deve ser considerado normal ou anormal, desejável ou adequado. Isso porque, “[...] quanto mais naturalizada a ideologia, mais as formações discursivas que dela derivam carregam sentidos que parecem literais. Ora, se o discurso depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos” (BENETTI, 2007, p. 108). O discurso possui plenas possibilidades de interpretação, não apenas pelo autor da fala, como também pelo receptor.

A lógica da AD, segundo Benetti (2007), nos diz que um sentido representa o que poderia ser dito em um contexto específico, por sujeitos em particular inclinados a formações ideológicas que dizem uma coisa e não outra. Para a autora, o conceito de FD é “*aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e não deve ser dito*” (BENETTI, 2007, p. 112, grifo da autora). Apropriando-se das ideias de Michel Foucault, Duarte (2004, p. 29) descreve formações discursivas que desempenham diferentes funções: de controle, compreendendo estratégias de exclusão em “temas interditos, rejeição a loucura, vontade de verdade”, de manutenção, com “textos maiores contados e repetidos dos quais se fazem variações” de responsabilização com o “princípio de autoria” e de neutralização, com o comentário.

Definidas as FDs e os sentidos nucleares que serão investigados, segue-se para o recorte de sequências discursivas (SDs), que correspondem aos trechos que serão analisados e relatados na pesquisa. Para fins de organização, as SDs serão numeradas. Em nossa análise, chegamos ao total de 32 SDs, cujos traços discursivos mais relevantes optamos por destacar em negrito.

2.4 Formações Discursivas

Dividimos nossa análise em três principais eixos, definidos pelas formações discursivas e identificados na abordagem de “Amor & Sexo” sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros: **Reconhecimento legal e celebração da união homoafetiva, Estereótipo e Preconceito**. A determinação dessas formações deu-se após a transcrição dos trechos selecionados dos programas e uma reflexão sobre o que eles apresentaram em comum.

Na formação discursiva Reconhecimento legal e celebração da união homoafetiva, analisamos e discutimos o tratamento dado às formações familiares que contêm pessoas homossexuais em seus arranjos. Devido à recente aprovação do casamento civil homoafetivo no Brasil, nota-se que esse assunto ganhou espaços específicos em “Amor & Sexo”, por meio de entrevistas com convidados e a opinião dos jurados, da plateia e da apresentadora.

Em Estereótipo, separamos os trechos que tratavam de homossexuais a partir do humor decorrente de sua representação, baseado em estereótipos e deboche sobre o gay como homem afeminado. Com base em Moscovici (2011) e Butler (2014), analisamos como as representações sociais sobre pessoas com determinadas orientações sexuais são perpetuadas no discurso do programa.

Por fim, em Preconceito, agrupamos as partes dos programas que dão voz às discriminações que as pessoas sofrem devido às suas identidades sexuais ou de gênero.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Conforme descrito no capítulo anterior, chegamos à definição das formações discursivas para análise com base nos procedimentos metodológicos adotados. A seguir, destacamos os trechos e as Sequências Discursivas (SDs) que nos levaram a constituir as formações e esclarecer a questão da representação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros na oitava temporada do programa “Amor & Sexo”.

3.1 Reconhecimento legal e celebração da união homoafetiva

“Amor & Sexo” dedicou trechos significativos dos episódios da oitava temporada à apresentação e entrevistas de famílias compostas por homossexuais, tanto homens como mulheres. Em um contexto social em que o casamento homoafetivo foi aprovado no Brasil recentemente, como citado na Introdução, a celebração de uma cerimônia de união estável no palco do programa foi considerada “histórica” pela emissora (GSHOW, 2014) pelo fato de reunir um casal de gays, um casal de lésbicas e um casal heterossexual. O tempo dedicado à apresentação dos arranjos familiares que continham homossexuais somou mais de 13 minutos em dois episódios (n. 2 e n. 11), sendo que o primeiro caso – a celebração da união estável – ocupou um bloco inteiro do programa. Considerando que o tempo médio de duração de cada programa da oitava temporada era de 31 a 40 minutos, entendemos que esses 13 minutos são uma expressão relevante do interesse de “Amor & Sexo” em exibir conteúdos com um posicionamento a favor da união homoafetiva.

No Episódio 2, os casais entram juntos no palco, são dispostos lado a lado e Fernanda Lima faz perguntas sobre como eles se sentem naquele momento e qual a importância da união. Ela pergunta ao casal gay: “Que tipo de pensamento passa na cabeça de vocês agora?”, e um dos noivos responde: “Acho que é a **realização de um sonho, às vezes visto como impossível**, mas espero que, com esse casamento, a gente consiga **ser feliz com os nossos amigos, perante a nossa família e a sociedade, de forma mais justa**” (SD1). Uma das noivas do casal de lésbicas responde: “**A gente espera que essa barreira diminua**, e que isso seja para as pessoas verem que o mais importante é o amor, é a felicidade, **independente do**

sexo, independente da cor, o importante é ser feliz. É o que a gente espera” (SD2). Essas duas falas expressam a vontade dos noivos de terem seus direitos reconhecidos legalmente diante da sociedade. Nota-se que o noivo se refere à união como quase “impossível” (SD1), e a noiva fala de uma “barreira” (SD2), características que entendemos como referentes às dificuldades enfrentadas pela população LGBT em ter seus direitos garantidos e as discriminações sofridas devido às suas orientações sexuais ou identidades de gênero.

Dá-se um espaço proporcional de fala a todos, sem destaque para um casal específico. A apresentadora ouve três pessoas da plateia, todas relacionadas aos casais homoafetivos: o pai e uma irmã do casal de lésbicas e um amigo do casal gay. Fernanda pergunta a um dos amigos do casal Alex e Carlos: “**Você está feliz que eles estão casando** no ‘Amor & Sexo’?” (SD3), e o homem responde “Completamente. **Muito. São muito perfeitos um para o outro**” (SD4). Fernanda pergunta: “O que você acha que **isso significa para a vida deles?**” (SD5), e o amigo responde: “A gente como homossexual **precisa desse documento para garantir nossos direitos. É imprescindível isso**” (SD6). Nessas SDs, destacamos a valoração que Fernanda Lima confere às uniões quando pergunta ao amigo do casal qual o significado da celebração, em um movimento que parece deduzir que as uniões estáveis firmadas pelos casais consistem em uma situação de grande valia para eles. Como nas SDs 1 e 2, o entrevistado também ressalta a importância da formalidade legal das uniões para a população LGBT, em um tom que incide sobre a felicidade decorrente da formalização e o anseio pelo reconhecimento dos direitos.

Fernanda pergunta ao pai de Tainá: “Você está **orgulhoso da sua filha?**” (SD7). Ele responde “Eu estou por ela, porque ela está **realizando um sonho** com quem ela gosta e **formalizando essa união**, entendeu? Eu estou dando o maior apoio e eu quero a felicidade dela” (SD8) e Fernanda diz “Ah, **que lindo**” (SD9). Novamente, há um tipo de valoração da apresentadora que parece afirmar a importância da união estável quando ela pergunta se o pai sente orgulho pela filha (SD7). Não há fala de amigo ou familiar do casal heterossexual, mas sabe-se que seus familiares estão presentes na plateia porque Fernanda Lima menciona este fato. Entendemos que as falas relacionadas aos casais homoafetivos recebem maior destaque por se tratar de um direito recentemente adquirido. No entanto, os movimentos de câmera mostram as ações dos três casais – como troca de alianças, assinatura dos documentos de união estável e enfim, o beijo de casados – de forma semelhante, sem destaque de alguns em detrimento de outros. Esses aspectos indicam a busca pela ideia de igualdade proposta pelo programa e ainda uma visão positiva das uniões homoafetivas. Não há exploração de

estereótipos na representação dos casais homossexuais, mas sim um tom de celebração das uniões e da importância do reconhecimento legal da união homoafetiva.

Em uma fala, Fernanda Lima apresenta a jurista Maria Berenice Dias⁹, que celebra as uniões, como a criadora do termo “homoafetivo” e se dirige ao casal gay dizendo: “Que maravilha, né? **Que bom que essa mulher existe**” (SD10). A afirmação dela transmite uma ideia favorável à união homoafetiva, pois a apresentadora parece exaltar a jurista e fala em direção ao casal gay, ou seja, seu movimento representa uma valorização tanto do direito da união como o empenho da jurista em defender a causa. Depois da celebração, houve uma fala longa do jurado Otaviano Costa, que costuma fazer piadas durante todo o programa, em que ele se diz orgulhoso de participar de “Amor & Sexo” e presenciar as uniões que ali ocorreram: “Eu estou vendo vocês realizando os sonhos de cada um de vocês aqui, e **a gente está muito emocionado, eu estou muito emocionado, e parabéns ‘Amor & Sexo’, parabéns, pois hoje a gente mostra do que é feita essa nova sociedade nossa** (SD11)”. Ambas as SDs 10 e 11 representam a importância dos atores sociais que, segundo Duarte (2004), se tornam co-enunciadores dos discursos propostos pelo programa. Quando Fernanda Lima elogia os casais, enaltece a jurista, diz que as famílias compostas por homossexuais são “lindas” e Otaviano Costa se despe do personagem humorístico para exaltar a celebração das uniões no palco, tem-se clara a posição não só dos atores sociais como co-enunciadores de “Amor & Sexo”, mas como sujeitos dotados de opinião que a expressam na televisão como forma de apoiar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Entendemos, também, que esse posicionamento é parte componente do programa; embora os participantes discutam suas opiniões em alguns momentos, o tom geral dessas opiniões converge para posições semelhantes. Não há, por exemplo, um jurado, convidado ou alguém da plateia que não apoie o casamento homoafetivo no discurso do programa.

No final do episódio, a plateia e os convidados aplaudem com entusiasmo, o clima é festivo e Fernanda Lima faz o encerramento com uma fala que celebra o amor. Na Figura 5, podemos observar Fernanda Lima com os três casais.

⁹ Maria Berenice Dias é uma jurista especializada em Direito Homoafetivo, Direito das Famílias e Sucessões. Foi a primeira mulher a ingressar na magistratura do Rio Grande do Sul e a primeira desembargadora do Tribunal de Justiça daquele estado. Fundadora e vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito de Família, Maria Berenice atua na advocacia e preside a Comissão Especial da Diversidade Sexual do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. Ela é reconhecida por obras que tratam dos direitos das mulheres e da população LGBT. Também cunhou o termo “homoafetividade”, a fim de diminuir o estigma sexual sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo e reconhecer novos modelos de família baseados em laços afetivos (DIAS, 2011).



Figura 5 – Celebração de uniões estáveis entre homossexuais e heterossexuais
 Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”, 16/10/2014.

O último programa da oitava temporada de “Amor & Sexo”, o Episódio 11, foi inteiramente dedicado à família brasileira. “Aqui no nosso píer, **a gente tem exemplos dessa nova configuração** [familiar]. Essa é uma família... **Eu não entendi bem ainda. Quem me explica?**” (SD12), pergunta Fernanda Lima para os convidados: dois casais com uma filha em comum (um homoafetivo e outro heterossexual), um casal homoafetivo e uma mãe solteira. Primeiro, ela pede para alguém explicar a primeira família, que é composta por Michele e Val, casadas, e Pablo e Sheila, também casados. Michele foi casada com Pablo, com quem teve uma filha, mas ambos se separaram e se casaram novamente com outras pessoas. Notamos que a fala da apresentadora indica uma tentativa de colocar-se no lugar do telespectador, que poderia ter dificuldades de entendimento sobre o arranjo da família entrevistada. Ao apresentá-los como uma nova configuração (SD12) e afirmar que não entendeu essa disposição, Fernanda Lima demonstra dúvida e instiga a explicação do modelo familiar. No entanto, como apresentadora, é muito provável que ela tivesse conhecimento prévio sobre a formação da família apresentada. Michele diz: “Dois anos depois da nossa separação eu me casei com Val, e a nossa filha vive conosco. Ele casou com Sheila, e acaba que **ela possui três mães**, porque ela **tem a mim e tem duas madrastas que participam da vida dela ativamente como mães**” (SD13). A apresentadora pergunta se Val participa da criação da menina, e Val responde: “Essa parte de levar pra escola, de dar almoço, de dar banho, toda essa parte é mais comigo. **E pra mim foi um presente**, porque **eu não esperava assim na minha vida, sinceramente, que eu fosse cuidar de uma criança um dia. E esse dia chegou e mudou muita coisa na minha personalidade**” (SD14). Fernanda Lima termina

a conversa dizendo: **“Eu vou parar senão eu vou chorar, porque eu estou emotiva hoje vendo essas famílias lindas e bem resolvidas. Parabéns pra família de vocês, vocês conseguiram fazer um arranjo lindo e a gente tem que admirar isso”** (SD15). Novamente, como no Episódio 2, a apresentadora se expressa como um ator social co-enunciador dos discursos do programa ao manifestar sua opinião e, conseqüentemente, a visão do programa em relação às uniões homoafetivas.

Nota-se que não há uma exploração negativa sobre o relacionamento homossexual de Michele e Val; o assunto é tratado com certa naturalidade, com um tom de curiosidade sobre a relação entre as duas mulheres. A reação da apresentadora (SD15) em relação à fala de Michele e Val (SDs 13 e 14), que destacam a importância dos papéis maternos na vida da filha, nos leva a entender que há uma valorização dos arranjos familiares à medida que eles dão certo; como a experiência dessa família é positiva, com relatos que destacam a criação harmoniosa da menina pelos dois casais, o discurso de Fernanda Lima, e conseqüentemente de “Amor & Sexo”, parece enaltecer a relação familiar ali apresentada.



Figura 6 – Os casais Sheila e Pablo, Michele e Val, que compartilham a criação da filha
Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”, 18/12/2014.

Logo depois, a apresentadora se dirige ao casal Roberto e Marco, que explicam o processo que passaram para ter filhos por meio de barrigas de aluguel. Um dos homens diz: **“Então, a gente está casado há seis anos e a gente decidiu que a gente queria ter filho. [...] É uma coisa que a gente queria tanto**, então a adoção é uma coisa que não te dá tempo, é uma expectativa muito grande” (SD16). Ele explica que tiveram filhos “gêmeos”, pois foi utilizado o esperma de Roberto para inseminar um óvulo e o esperma de Marco para

inseminar outro. Ao terminar a conversa, Fernanda Lima parabeniza a família: “Olha, eu só tenho a dizer pra vocês **parabéns**, que vocês sejam muito felizes e que **façam essas crianças muito ricas de amor. É muito lindo isso**” (SD17). Na SD16, podemos perceber que o casal confere importância ao fato de ter filhos e à constituição da família perante a sociedade. A apresentadora, na SD17, reafirma essa posição. Entretanto, como analisamos posteriormente, ela ignora o relato de um preconceito sofrido pelo casal.

Ainda que a presença de Roberto e Marco aconteça de forma natural, podemos concluir que tanto eles como o casal Val e Michele recebem destaque pelo fato de serem homossexuais e participarem de uma conversa específica sobre a constituição de famílias entre pessoas do mesmo sexo. Todos são tratados com naturalidade e curiosidade acerca dos arranjos familiares, e as falas de Fernanda Lima procuram legitimar a validade legal e a aprovação das famílias pelo programa, principalmente no sentido do reconhecimento das relações humanas que têm em sua essência o afeto, conforme Rios (2007), em um movimento que contribui para a inclusão e o reconhecimento dessas famílias perante a sociedade.

Há ainda uma fala da psicanalista Regina Navarro Lins, que corrobora a posição de Fernanda Lima: “Eu acho que hoje **todo mundo já sabe que nascer numa família tradicional, ser criado numa família tradicional, não faz com que a pessoa se torne um adulto mais saudável**, né. Então eu acredito muito que **o que uma criança precisa é ser amada, respeitada, valorizada e independente da configuração familiar**” (SD18). Entendemos que nessa SD a psicanalista utiliza-se de ironia para afirmar que todas as pessoas que assistem ao programa compartilham a mesma opinião: que são ultrapassadas as percepções em defesa da família tradicional como único modelo para a educação correta de uma criança. Não vemos a manifestação opinativa de Regina como o problema, mas sim a afirmação que generaliza o entendimento de todos os telespectadores de “Amor & Sexo”, sem discutir os preconceitos que ainda persistem em nossa sociedade. Nesse sentido, a afirmação é controversa sob a perspectiva de que são mostrados no programa apenas exemplos de famílias harmoniosas e felizes, mas não se levanta a questão nem o debate acerca dos problemas que essas pessoas podem enfrentar e que são comuns no tratamento da população LGBT.

A representação da família que contém homossexuais para “Amor & Sexo” é uma família que deu certo e é feliz apesar da configuração diferente do habitual heteronormativo. Um aspecto positivo é que o programa dá espaço e voz a essa diversidade familiar, porém, não questiona os problemas comuns que esses arranjos podem ter, como o preconceito, principalmente. Pelo contrário, o programa representa essas famílias como combinações diferentes do tradicional que merecem celebração, mas que não passam por dificuldades

relacionadas às identidades sexuais ou de gênero de seus membros nem discriminações em seus cotidianos. As relações apresentadas nos episódios aqui descritos distanciam-se do tradicional que prevalece no programa, a heterossexualidade; no entanto, pode-se perceber que a constituição das famílias homoafetivas é exaltada, seja com o casamento, seja com filhos.

O discurso de “Amor & Sexo” nos leva a concluir que os sujeitos que compõem essas famílias têm suas identidades definidas. No entanto, conforme Hall (2003), as identidades não são fixas, unificadas ou necessariamente coerentes, pois dentro de nós existem identidades contraditórias. O programa celebra as famílias homoafetivas como arranjos facilmente definidos, mas despreza complicações que podem acontecer em sua formação e também as diferenças de tratamento que estas podem receber em relação às famílias heterossexuais.

3.2 Estereótipo

Nos trechos aqui destacados, podemos notar a presença de representações sociais de homossexuais a partir do humor, do deboche e de características consideradas padrão pelo imaginário social coletivo acerca dessas pessoas. Segundo Moscovici (2011), a influência dessas representações se torna mais forte quando não há discussão e problematização sobre o real significado delas. Os estereótipos sobre a população LGBT, quando reforçados pela mídia, tendem a ser percebidos e tratados como verdade, em movimentos que são a grande causa do preconceito e da intolerância. Isso é exatamente o que percebemos nos trechos separados: as representações sociais acerca de homossexuais não passam de repetições de estereótipos ligados à concepção heteronormativa e dos papéis sexuais definidos como adequados a homens e mulheres, além da percepção consagrada do gay como homem afeminado.

No Episódio 3, cujo tema era “o papel do macho” (Memória Globo, 2013b), tem-se a apresentação de um esquete cômico no palco de “Amor & Sexo”. Os atores Paulo Silvino, Juliano Cazarré e Ailton Graça, vestidos de pintinhos amarelos, estão em um banheiro masculino quando Paulo Silvino fala o bordão “**Isso é uma bichona**” (SD19), de um conhecido personagem do programa humorístico “Zorra Total”, também da Rede Globo, em referência ao personagem do ator Ailton Graça. O personagem do ator Juliano Cazarré responde, em concordância: “**É frango**” (SD20). Ambas as falas se referem a uma possível

homossexualidade do personagem de Ailton Graça, em tom de deboche. Os convidados e a plateia riem, em uma representação da homossexualidade como motivo de piada. A apresentadora, jurados e convidados comentam sobre o esquete, mas a piada não entra na discussão. Isso vai ao encontro dos aspectos explicados por Moscovici (2011), em que a representação social de homossexuais, construída a partir do deboche, se torna comum e sua influência se fortalece com a falta de reflexão sobre a veracidade ou não dessas ideias.



Figura 7 – Esquete cômico apresentado no palco de “Amor & Sexo”

Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”, 23/10/2014.

No mesmo episódio, no último bloco, tem-se a apresentação da banda Tarcísio Meira’s Band com a música “Cura Gay”. O cantor veste uma *legging* roxa, polainas pretas, blazer rosa, colares, chapéu de policial e óculos escuros enquanto dança junto com os bailarinos do programa. A letra da música faz uma crítica humorística ao projeto de “cura gay”¹⁰ defendido por políticos evangélicos brasileiros, apresenta estereótipos sobre gays e se refere aos políticos como “pastor machão”. A roupa do cantor é também uma crítica ao estereótipo do gay, reforçado na combinação de cores, no bigode característico do cantor, seus movimentos e gestos. Fernanda Lima termina o programa dizendo “**Cada um tem o direito de ser o que**

¹⁰ O projeto de “cura gay” foi apresentado e arquivado no Congresso Nacional em 2013. Foi criado pelo deputado federal João Campos (PSDB-GO) e contava com apoio massivo de membros da chamada bancada evangélica – principalmente o deputado Marco Feliciano (PSC-SP) – que defendem a suspensão da resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), instituída em 1999, que proíbe profissionais da área de psicologia de oferecerem tratamento ou participarem de terapia para alterar a orientação sexual de pessoas, especialmente as que não são heterossexuais. Os defensores do projeto argumentam que existem “ex-gays” que foram “curados” graças à religião evangélica, e que a posição CFP seria preconceituosa por impedir que pessoas sejam tratadas para “trocar” de orientação sexual (FOLHA DE S. PAULO, 2013).

quiser, gente. Sem padrão!” (SD21), como uma justificativa aos estereótipos camuflados de humor apresentados no episódio.

Embora o programa se apresente como um tipo de voz às diversidades, o esquete humorístico perpetua as representações que a sociedade faz de homossexuais como pessoas dignas de deboche, simplesmente porque sua sexualidade não é considerada adequada conforme os moldes heteronormativos. A heterossexualidade, como relatado por Butler (2014), é utilizada como um regime de poder e discurso que considera as outras sexualidades inferiores, o que causa desigualdade e exclusão dessas pessoas do meio social por terem suas preferências sexuais julgadas como inadequadas, imorais, patológicas e condenáveis. A banda também faz uso de uma representação preconceituosa de gays, mas seu propósito é exatamente criticar essas representações.



Figura 8 – Cantor da banda Tarcísio Meira’s Band dança e canta a música “Cura gay”
Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”, 23/10/2014.

Nosso entendimento acerca dos estereótipos sobre homossexuais vai ao encontro das conclusões verificadas por Trevizani (2002), Bezerra (2012) e Silva (2015), que investigaram a representação de personagens homossexuais em telenovelas brasileiras. Para Trevizani (2002), a questão da sexualidade é pouco explorada e não apresenta profundidade suficiente para contribuir para o debate social, como podemos inferir também nas situações em que o programa se exime de discutir as representações que legitima e as situações de preconceito comuns a homossexuais. Para Bezerra (2012) e Silva (2015) os personagens analisados sofrem com estereótipos e são vítimas constantes de homofobia. Também em “Amor & Sexo” podemos notar que os estereótipos sobre homossexuais são continuamente utilizados,

principalmente em situações humorísticas, em consonância com o entendimento de Bezerra (2012) sobre os traços femininos atribuídos a essas pessoas, e a normatização da sexualidade em função da heteronormatividade, como apontou Silva (2015). Sem a problematização ou a discussão sobre essas características, o discurso do programa se torna legitimador dos estereótipos atribuídos às pessoas devido às suas orientações sexuais, o que vai de encontro à proposta essencial de “Amor & Sexo”, que se promove como um programa de entretenimento sem preconceitos. Ao se isentar desses questionamentos, o programa passa a executar um juízo de valor acerca das sexualidades e uma hierarquização de sua importância.

3.3 Preconceito

Nesta formação discursiva, procuramos destacar os trechos que trataram sobre discriminação e preconceito sofridos pela população LGBT, apresentados em “Amor & Sexo”, ou aspectos que consideramos, de alguma forma, discriminatórios no discurso do programa.

No Episódio 3 há um protesto de homens no palco que carregam cartazes com reivindicações como “pelo direito de usar saia”, “pelo direito de ser filhinho da mamãe”, “pelo direito de broxar”, “pelo direito de usar o cartão de crédito da mulher”, “pelo direito de ganhar menos que a mulher”, entre outros, em uma investida contra os estereótipos sobre o papel do gênero masculino.

Fernanda Lima pergunta a um dos homens por que ele reivindica o direito de ser homem. Ele responde: “Então, eu sou homem que nasceu num corpo feminino, **eu sou homem transgênero, o que não tem nada a ver com homossexualidade. Então eu estou aqui para pedir direitos e respeito para esses homens**” (SD22). Ela pergunta: “**Você é respeitado como homem?**” (SD23) e ele responde “No meu meio social de amigos e família, **exceto minha mãe, sim. Mas a maioria não é respeitado, muitos são violentados, mortos, entende? Então eu estou aqui pelo direito de respeito e reconhecimento da identidade desses homens**” (SD24). Fernanda Lima termina dizendo “**Respeitamos e reconhecemos. Respeito a todos**” (SD25). Percebemos que, na SD23, a apresentadora faz uma pergunta óbvia ao homem; ele afirma na SD22 que está no programa para pedir direitos e respeito, e ela pergunta se ele é respeitado. Em sua resposta, ele reitera a necessidade do reconhecimento, da

consideração e destaca a violência sofrida por essas pessoas, mas é ignorado pela apresentadora. Ela afirma, na SD25, que respeita os transgêneros, mas não se preocupa em comentar sobre os problemas relatados pelo homem; entendemos que essa ação da apresentadora não confirma o respeito a que ela se refere, mas sim auxilia na desvalorização da questão da transgeneridade quando ela não dá atenção à situação exposta pelo homem.

Este trecho é o único registro encontrado na oitava temporada que envolve a letra T da sigla LGBT, que contempla travestis, transgêneros e transexuais. O homem tem um espaço de aproximadamente 40 segundos, maior do que o tempo de fala dos outros homens que protestavam. Ele expõe sua condição como transgênero e o preconceito que outras pessoas travestis e transexuais também sofrem. Ainda que esse espaço de fala seja uma maneira positiva de dar visibilidade a uma minoria pouco mencionada, o assunto não é explorado mais a fundo nem comentado em outros episódios; não se fala em mulheres transexuais, por exemplo, cuja representação social paira sobre o estigma da prostituição. Isso nos leva a entender que o discurso de “Amor & Sexo” produz uma invisibilidade de certas identidades de gênero, o que conforme Prado e Machado (2008) é uma forma de garantir que algumas pessoas não possuam direitos sociais, sejam inferiorizadas com base em suas identidades sexuais e sofram diversos tipos de preconceito como a homofobia e a transfobia. Embora o homem tenha espaço para falar sobre sua condição de transexual, o programa parece não se preocupar em problematizar a questão do preconceito apresentada por ele. Também em consenso com as ideias de Prado e Machado (2008), entendemos que o programa estabelece um tipo de hierarquia das sexualidades que são apresentadas e discutidas; a homossexualidade aparece com certa frequência, mas a transexualidade recebe um espaço ínfimo, o que nos leva a inferir que esta não seja uma sexualidade relevante ou que mereça um espaço mais aprofundado no discurso do programa.



Figura 9 – Homem transexual reivindica direitos e respeito no palco de “Amor & Sexo”
 Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”, 23/10/2014.

No Episódio 5 há dois trechos em que aparecem comportamentos diversos à heterossexualidade: no final da dança de abertura do episódio e logo depois da primeira fala da apresentadora. No caso da dança, os bailarinos formam pares e se beijam na boca rapidamente, enquanto Fernanda Lima tem o olhar direcionado a eles. Os beijos são discretos e os dançarinos não apresentam as características do estereótipo de gays, apenas usam roupas coloridas. Pode-se afirmar que esta é uma evolução na representação de homossexuais, pois o beijo é conduzido e mostrado de forma natural, quase imperceptível a um olhar desatento. Isso também é uma expressão relevante da posição do programa: se um beijo gay pode ser mostrado com naturalidade, significa que a homossexualidade pode ser considerada normal, apenas uma forma diversa das sexualidades humanas.

Entretanto, no segundo trecho, não percebemos a mesma naturalidade. A apresentadora pergunta a uma mulher convidada: “E você, faz muito sucesso com essa boca?”, ao que ela responde: “Costumo fazer”. Fernanda: “Mais com os homens ou com as mulheres?” e ela responde: “**Com os dois**” (SD26). A plateia e jurados fazem, em coro, “**Oooh**” (SD27), em uma demonstração de surpresa sobre a bissexualidade da mulher. Fernanda Lima pergunta também sobre sexo, e as respostas da mulher são seguidas pelas mesmas expressões de surpresa da plateia e dos convidados. O espaço de fala que ela tem também é o único registro encontrado sobre bissexualidade. Enquanto a convidada fala, pode-se notar alguns sons eletrônicos ao fundo, com falas de entonação sensual, em uma exploração da bissexualidade dela como algo pouco comum e sensual por si só. A mulher fala com naturalidade, mas o clima que se cria em torno da bissexualidade com os sons eletrônicos

transmite a sensação de uma fala erótica dela. Fernanda Lima encerra a conversa e, novamente, não há uma discussão mais aprofundada sobre a bissexualidade; o tom geral deste e dos demais episódios continua centrado na heteronormatividade. A representação social criada em torno da bissexualidade durante os 48 segundos de fala da mulher provoca uma ideia de hipersexualização dela simplesmente por ela se relacionar tanto com homens quanto com mulheres. Mesmo que o tom de voz dela não seja malicioso, mas informal, o contexto criado com o uso dos sons eróticos leva ao entendimento de que a bissexualidade não é natural como a homossexualidade; é mais maliciosa. Além disso, percebemos que a plateia se manifesta de forma ativa e dá sua opinião em coro sobre a mulher bissexual em um movimento que caracteriza um tipo de representação da sociedade; a plateia que compõe o auditório, quando opina, funciona como uma espécie de opinião pública dentro do programa, instigada pela apresentadora. Essa característica é também um elemento que ajuda a constituir o discurso do programa e é produzido por ele, uma vez que a montagem e a edição dos episódios são definidas de acordo com a imagem que se pretende transmitir.

A hipersexualização da mulher devido à sua bissexualidade vai ao encontro também das conclusões defendidas por Barros et al. (2011), que constataram que o discurso predominante em “Amor & Sexo” é baseado na heteronormatividade; os assuntos que diferem da heterossexualidade são introduzidos de uma forma negociada, para que o discurso não perca sua concepção hegemônica. Fala-se de homossexuais, bissexuais, transexuais, mas esses aspectos são inseridos no programa em trechos específicos, aqui destacados; mesmo que o programa se apresente como livre de preconceitos, entendemos que a distinção das sexualidades que não reforçam a heteronormatividade é um modo de reforçar a ideia de hierarquias sexuais, com a preservação da heterossexualidade como superior.

No Episódio 7 há uma rápida fala de Fernanda Lima em que ela evidencia um preconceito cometido por um convidado. Quando ela começa a conversar com blogueiros, um deles diz: “As pessoas têm vergonha de falar de sexo, **o sexo anal é o sexo dos gays, né?**” (SD28), ao que é prontamente interrompido pela apresentadora que exclama: “**Não! Puro preconceito isso. Não é só de gay**” (SD29). Os blogueiros em questão são três homossexuais donos de um canal de vídeos na internet. Outro blogueiro continua a conversa dando um rumo diferente do primeiro, dizendo que o canal de vídeos faz sucesso embora fale sobre o mundo gay. Ele diz que não esperava tal sucesso entre o público heterossexual, e que acha engraçado quando encontra pessoas na rua que dizem acompanhar os vídeos ainda que sejam heterossexuais: “**É um canal gay, mas tem muito hétero inscrito**, e é muito engraçado que **eles abordam a gente na rua e falam assim ‘adoro seu canal, mas eu sou hétero**, mas é

muito legal, mas eu sou hétero’, **eles se justificam muito**” (SD30). Essa fala do entrevistado evidencia um preconceito relacionado à temática gay que tem, aos poucos, diminuído. Embora o canal de vídeos seja voltado à temática homossexual, o blogueiro afirma com surpresa que o público heterossexual também se interessa pelo conteúdo; o preconceito se faz ainda presente quando uma pessoa heterossexual precisa se justificar por assistir os vídeos, como se a temática por si só não fosse digna de interesse além do público gay. Como explicam Prado e Machado (2008), as práticas e os sujeitos homossexuais foram mantidos por tanto tempo em condições inferiorizadas que, no discurso hegemônico, os preconceitos sobre as sexualidades funcionam como um mecanismo que preserva as hierarquias sociais. As justificativas de heterossexuais sobre o canal de vídeos continuam a legitimar essas hierarquias, também morais e políticas, além de perpetuar as representações sociais acerca dos homossexuais. Como não é feita uma reflexão sobre a origem e veracidade dessas representações, Moscovici (2011) relata que é possível que essas ideias passem de efêmeras para se tornarem duradouras ou até permanentes. Podemos notar também que não há uma problematização na entrevista acerca do preconceito, o que entendemos como uma forma de silenciamento para determinados aspectos da homossexualidade.

Fernanda Lima tenta dar uma abordagem positiva à conversa dizendo: “O canal deles, pra quem não conhece, **é sensacional porque eles quebram qualquer preconceito em relação ao mundo gay, e é maravilhosa a maneira como vocês falam, é engraçado e ao mesmo tempo é inteligente**” (SD31). Ao afirmar que o canal é “sensacional”, que “é engraçado e ao mesmo tempo inteligente”, a apresentadora provoca um tipo de valoração que evidencia o senso comum de que a temática homossexual não deveria ser interessante ou mesmo inteligente. A fala da apresentadora, quando diz que o convidado foi preconceituoso, novamente é um indício de sua atuação como co-enunciadora do programa. Ela não só apresenta os casos, mas também aparenta ter o poder de julgar se eles são preconceituosos ou se respeitam a diversidade sexual, em um movimento que legitima o discurso dela como opinião própria e porta-voz de “Amor & Sexo”.



Figura 10 – Blogueiros falam sobre sucesso de canal de vídeos com temática gay
 Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”, 20/11/2014.

No Episódio 8, cujo tema é “amor à moda antiga” (Memória Globo, 2013b), há uma rápida cena de beijo entre dois homens durante a dança de abertura. No final da dança, Fernanda Lima engancha os braços em dois homens, que estão um em cada lado dela. Eles se aproximam para beijá-la no rosto ao mesmo tempo, mas ela se abaixa e eles se beijam na boca. No mesmo instante, eles se separam e limpam as bocas com as mãos, com expressões faciais e gestos de nojo. Toda a cena acontece em aproximadamente cinco segundos, tempo suficiente para percebermos as expressões apresentadas pelos dançarinos e como essa representação da homossexualidade é considerada inferior e inadequada.

A apresentadora e os dançarinos estão com um figurino em estilo *cowboy*, que remete à ideia de masculinidade com calças de couro, chapéus, botas, cintos e camisas, de acordo com o tema do episódio, como pode ser observado na Figura 11. É notável que um rápido encostar de lábios entre homens cause tantas expressões de repulsa. Isso nos leva a inferir que as relações entre pessoas do mesmo sexo são vistas com preconceito mesmo que o tema da dança ou os assuntos falados no episódio sequer mencionassem outras formas de sexualidade além da heterossexual. Conforme Prado e Machado (2008), a demonstração do preconceito legitima a ideia de inferioridade de um grupo social ou de determinadas orientações sexuais, o que se consolida como violência e a aversão sobre tais pessoas. Além disso, o discurso do programa reforça a ideia de “performance”, caracterizada por Butler (2014), em que o comportamento dos indivíduos é julgado a partir das condutas consideradas adequadas para os indivíduos de acordo com os papéis sexuais definidos a eles pela heteronormatividade. Um

beijo entre dois homens, portanto, é condenável para a sociedade heteronormativa; mais ainda, esse tipo de comportamento não é o esperado para *cowboys*.



Figura 11 – Dois bailarinos se beijam na dança de abertura do Episódio 8
 Fonte: Reprodução “Amor & Sexo”, 27/11/2014.

Não foram encontradas falas ou outros aspectos que tratassem da população LGBT neste episódio, mas considerando-se que o discurso é, além das palavras, também as práticas de linguagem (ORLANDI, 2001), entendemos que os gestos e expressões realizados pelos enunciadores do programa também ajudam a construir o tipo de discurso que ele apresenta à sociedade.

Em um pequeno trecho do Episódio 11, destacamos uma fala do casal Roberto e Marco, que em meio à entrevista sobre terem feito barriga de aluguel, disseram: “Então a gente partiu pra fazer barriga de aluguel. [...] E na semana eles ligaram [a empresa que faria o processo de barriga de aluguel] falando que não podia mais porque **a gente não era prioridade deles. A prioridade era de casal heterossexual**” (SD32). A situação descrita por eles se encaixa na formação discursiva Preconceito por se tratar de uma conjuntura em que houve discriminação do casal devido à sua orientação sexual. Esse preconceito social, descrito por Prado e Machado (2008) dá continuidade à subalternidade dos direitos que o casal deveria ter em equidade aos casais heterossexuais. No entanto, entendemos que sua condição é inferiorizada devido à homossexualidade, como forma de legitimar a homofobia e dificultar o acesso do casal à barriga de aluguel. Também em acordo com a perspectiva de Prado e Machado (2008), há o silenciamento da apresentadora sobre o preconceito sofrido por Roberto e Marco. Inferimos, de nossa perspectiva, que a falta de interesse pela situação

desagradável que o casal viveu se alinha à possível intenção de “Amor & Sexo” em retratar apenas as experiências positivas das famílias compostas por homossexuais, como visto no item 3.1.

O discurso de “Amor & Sexo” parece se sustentar no humor quando faz referências negativas à população LGBT, como forma de validar a perspectiva da piada e do deboche como se não fossem prejudiciais à representação que se constrói dessas pessoas. Apesar de o programa se manifestar em outras ocasiões como livre de preconceitos e tabus, defensor da liberdade sexual e legitimar o casamento homoafetivo, nos trechos apresentados nesse capítulo se consolida a posição problemática do programa e a falta de responsabilidade social para com a representação de preconceitos e estereótipos acerca de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho nos permitiu enxergar aspectos pouco explorados nos programas de televisão brasileiros. Mais do que isso, nos oportunizou refletir acerca do tratamento dado à população LGBT em todos os âmbitos sociais. A escolha por “Amor & Sexo”, como já mencionado, deu-se a partir de um interesse pessoal, o que nos motivou a trabalhar nessa pesquisa com ainda mais empenho.

Com todas as considerações levantadas pelos autores presentes no referencial teórico e metodológico, foi possível encontrar, distinguir e analisar os trechos de “Amor & Sexo” em que o discurso apresentado se refere de alguma forma a pessoas que não se identificam com a heterossexualidade. Sabendo que a mídia não é neutra em nenhum aspecto, os resultados a que chegamos neste trabalho não foram inesperados; ainda assim, foi muito significativo entender como o discurso do programa se apropria de determinadas ideias em detrimento de outras para construir seus posicionamentos acerca do tema aqui explorado.

“Amor & Sexo” se apresenta como um programa de televisão moderno, livre de preconceitos de gênero ou de sexualidade, com uma apresentadora desinibida que se tornou um símbolo do discurso sobre sexo na televisão aberta brasileira. Porém, como nossa análise buscou demonstrar, esse discurso ainda é carregado de preconceito e estereótipos contra pessoas que não seguem necessariamente a normatividade tão perseguida e legitimada pela sociedade. Naturalmente, essa análise sofre a influência de nossas opiniões como sujeitos dotados de ideias e sentimentos, mas também sabemos que seria impossível nos despir de quaisquer avaliações para estudar um tema tão complexo.

A partir do recorte dos trechos dos programas que compuseram o *corpus* da pesquisa, pudemos investigar os aspectos que predominam na construção do discurso de “Amor & Sexo” no que se refere à população LGBT. Percebemos que o programa se sustenta em ideias que reforçam preconceitos e estereótipos, como a hipersexualização da bissexualidade, o gay como homem afeminado e, conseqüentemente, a inferiorização dos comportamentos que não corroboram a heteronormatividade. Com as três formações discursivas definidas, pudemos entender mais facilmente como se dá a valoração de aspectos específicos apresentados no programa, como a união de pessoas do mesmo sexo, a concepção do humor em referência aos homossexuais e a falta de problematização acerca do preconceito. Notamos, também, o

discurso da apresentadora com valorações que remetem à emoção e à festividade ao tratar sobre as famílias compostas por homossexuais.

Ainda que “Amor & Sexo” seja um programa que trate de um assunto que requer cautela, notamos que seu discurso não apresenta o caráter sério e didático dos primeiros programas brasileiros sobre a temática. Os formatos e discursos mudaram e hoje não se fala mais sobre sexo sob o estigma do pecado. Entretanto, podemos perceber que os fundamentos heteronormativos que ainda se encontram enraizados e influentes na sociedade teimam em invadir um programa cujo tema não deveria permitir obstáculos.

A aprovação do casamento homoafetivo no Brasil é ainda um marco muito recente na história da luta pelos direitos LGBT e uma mudança significativa que, por vezes, parece precipitada para a mentalidade da sociedade. Ao passo que ocorrem melhorias nas condições de vida para essa parcela da população, também tem destaque o crescimento dos registros de violência que elas sofrem devido às suas identidades de gênero ou orientação sexual, com estimativas de que, a cada hora, um homossexual sofre algum tipo de agressão no Brasil (MACIEL, 2014). Esse panorama exige uma transformação no entendimento que grande parte da população brasileira tem sobre as pessoas que não se identificam com a heterossexualidade, e os meios de comunicação não devem se furtar ao papel de formação que também possuem no caminho de contribuir para o fim do preconceito, especialmente emissoras que se encontram presentes em todo o país.

Percebemos que a afirmação de Moscovici (2011) ajusta-se em acordo com as conclusões que chegamos a partir da análise de “Amor & Sexo”. O autor relata que as representações sociais não são criadas por apenas um indivíduo, mas sim por grupos de pessoas no decorrer dos atos comunicativos, e essas representações adquirem um tipo de autonomia que as faz circular pelos discursos. No caso do programa, notamos que existe a possibilidade de as representações serem discutidas e modificadas, em um movimento que permitiria o nascimento de novas ideias, menos preconceituosas, e o desaparecimento de percepções antigas. Isso depende, entretanto, da constituição do discurso pelo próprio programa e pela emissora. Se há interesse pela melhoria desses aspectos, é possível deixar para trás uma série de discriminações que afetam diretamente a qualidade de vida de LGBTs.

Perguntamo-nos se seria este um momento de transição das representações construídas sobre a população LGBT. Será que a mídia brasileira tem procurado avaliar o discurso que transmite em prol de buscar o avanço da cidadania e o progresso dos direitos LGBT? Acreditamos que existe uma evolução em comparação aos juízos formados pela mídia há

alguns anos e os constituídos agora. Ainda há muito que avançar, mas percebemos que os primeiros passos já foram dados.

A modificação nas questões legais em benefício da luta LGBT é a base necessária para uma mudança também na percepção sobre essa população, em um movimento que é capaz de alterar o imaginário coletivo e se aproximar cada vez mais de uma sociedade plena de direitos para todos os indivíduos. Acreditamos que todos os meios de comunicação têm a função educadora de contribuir para a construção dessa sociedade mais humana, menos preconceituosa e mais justa. O estudo dos discursos de “Amor & Sexo” se enquadra nessa perspectiva de mudança e expectativa para a constituição de uma consciência coletiva mais responsável pela consequência de seus atos, sejam benéficos ou prejudiciais, para a busca da igualdade social.

Como anteriormente explicitado, reiteramos que nossa posição como pesquisadoras heterossexuais sofre influência da heteronormatividade e nos falta a experiência vivida pela população LGBT no que diz respeito às discriminações e preconceitos sofridos. Ainda assim, esperamos que esse trabalho possa apontar caminhos para a busca de uma comunicação mais igualitária.

Consideramos, por fim, que essa análise de “Amor & Sexo” foi um avanço no estudo das representações constituídas sobre a população LGBT na televisão brasileira. Embora o programa reforce estereótipos e por vezes se esquive da responsabilidade de discutir questões relevantes, é notável que houve espaços específicos de destaque, principalmente para famílias compostas por homossexuais, e o reconhecimento do casamento homoafetivo. Esperamos que as conclusões que aqui delinearão-se possam colaborar para a diminuição do preconceito e a construção de uma sociedade melhor. Esperamos, também, que nossas percepções sirvam de inspiração para outras pesquisas que possam contribuir para o debate sobre a igualdade de direitos e a busca constante pelo respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Lilian. Erótica MTV. **Istoé Gente**, [S.l.]. 13 mar. 2000. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/32/diversaoearte/tv_erotica.htm>. Acesso em: 5 nov. 2015.
- AMIN, Tatiana. SBT investe em novo programa: Aprendendo Sobre Sexo. **O Fuxico**, [S.l.]. 31 mai. 2006. Disponível em: <<http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/sbt-investe-em-novo-programa-aprendendo-sobre-sexo/2006/05/31-29911.html>>. Acesso em: 5 nov. 2015.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2004.
- AXT, Bárbara. Homossexualidade é doença? **Revista Superinteressante**. [S.l.]. Ed. 207, dez. 2004. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/homossexualidade-e-doenca>>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- BARROS, Samuel Anderson Rocha et al. A sexualidade em *Amor & Sexo*: representação, discurso e regime de verdade. In: **Iniciacom** – Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação, São Paulo – SP, v. 3, n. 1, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/616/575>>. Acesso em: 23 set. 2015.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BEZERRA, Alessandro Paciello de Castro. **A Homossexualidade na TV como um Retrato da Cidade**: Estudo Comparado entre as Representações do Novo Gay no Rio de Janeiro e em Los Angeles. In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, Fortaleza, CE: 3 a 7 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1094-1.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.
- BRÍGIDO, Carolina. CNJ determina que cartórios registrem casamento civil de casais do mesmo sexo. **O Globo**, Brasília, 14 mai. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/cnj-determina-que-cartorios-registrem-casamento-civil-de-casais-do-mesmo-sexo-8383218>>. Acesso em: 25 nov. 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CASAGRANDE, Lindamir S.; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de (Org.). **Igualdade de gênero**: enfrentando o sexismo e a homofobia. 1. ed. Curitiba: UTFPR, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CONDE, Karina. Podsex MTV. **Vila Mulher**, [S.l.]. 2009. Disponível em: <<http://www.vilamulher.com.br/sexo/podsex-mtv-30889.html>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Col. Estudos sobre o audiovisual. Porto Alegre: Sulina, 2004. 158 p.

DIAS, Maria Berenice. Perfil. **Maria Berenice Dias**. [S.l.]. 7 jul. 2011. Disponível em: <<http://mariaberenice.com.br/pt/perfil.cont>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

ESPINDOLA, Carolina Bonoto. **Jornalismo e construções identitárias: as representações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no discurso jornalístico do *Correio do Povo***. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo). Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **A representação das identidades homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: uma leitura dos personagens protagonistas no período da censura militar à televisão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2013/08/Guilherme_Fernandes.pdf>. Acesso em: 22 set. 2015.

FOREQUE, Flávia; FALCÃO, Márcio. Proposta sobre ‘cura gay’ é aprovada em comissão presidida por Feliciano. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1297075-proposta-sobre-cura-gay-e-aprovada-em-comissao-presidida-por-feliciano.shtml>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

G1. **Movimento GLBT decide mudar para LGBT**. São Paulo. 7 jun. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL593295-5598,00-MOVIMENTO+GLBT+DECIDE+MUDAR+PARA+LGBT.html>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

GSHOW. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 9 out. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-do-dia-09102014-na-integra/3687148/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 16 out. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-do-dia-16102014-na-integra/3702183/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 23 out. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-do-dia-23102014-na-integra/3717255/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 30 out. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-do-dia-30102014-na-integra/3732935/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 6 nov. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-de-quinta-feira-dia-06112014-na-integra/3748482/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 13 nov. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-de-quinta-feira-dia-13112014-na-integra/3764227/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 20 nov. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-de-quinta-feira-dia-20112014-na-integra/3779995/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 27 nov. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-de-quinta-feira-dia-27112014-na-integra/3795339/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 4 dez. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-do-dia-04122014-na-integra/3810928/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 11 dez. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-do-dia-11122014-na-integra/3826622/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. Rio de Janeiro. Rede Globo de Televisão, 18 dez. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/videos/t/integra/v/amor-sexo-programa-do-dia-18122014-na-integra/3841894/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo realiza união estável de casais hétero e homossexuais**. [S.l.]. 17 out. 2014. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/O-Programa/noticia/2014/10/amor-sexo-realiza-uniao-estavel-de-casais-hetero-e-homossexuais.html>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IBGE. **Televisão**. [S.l.]. 30 abr. 2015. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/8311-televisao.html>>. Acesso em: 1 dez. 2015.

ISTOÉ GENTE. **Peep MTV**. [S.l.]. 18 mar. 2002. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/137/diversao_arte/tv_mtv_peep.htm>. Acesso em: 5 nov. 2015.

LIMA, Fernanda. **Perfil Facebook**. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fernandalimaoficial/videos/vb.272275666221353/874177416031172/?type=2&theater>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

MACIEL, Edigar. A cada hora, 1 gay sofre violência no Brasil; denúncias crescem 460%. **Estadão**, São Paulo, 21 abr. 2014. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,a-cada-hora-1-gay-sofre-violencia-no-brasil-denuncias-crescem-460,1595752>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

MEMÓRIA GLOBO. **TV Mulher**. [S.l.]. 2013a. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

_____. **Amor & Sexo**. [S.l.]. 2013b. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

_____. **Altas Horas**. [S.l.]. 2013c. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/altas-horas/galeria-de-quadros.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

MEMÓRIA NO AR. **SBT**. [S.l.]. 2013. Disponível em: <<http://memorianoar.com.br/sbt/>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MTV. **MTV Sem Vergonha, com Titi e Didi, estreia na segunda**. [S.l.]. 16 mar. 2012. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20120613191249/http://mtv.uol.com.br/ultimas/mtv-sem-vergonha-com-titi-e-didi-estreia-na-segunda>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

NASCIMENTO, Fernanda; FOGLIARO, Débora. LGBT, LGBTI, LGBTQ ou o quê? **Gemis**. [S.l.]. Ago. 2014. Disponível em: <<http://ggemis.blogspot.com.br/2014/08/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que.html>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

RIPARDO, Sérgio. Crítica: Penélope apimenta mais “Ponto Pê” na MTV. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 abr. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59443.shtml>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

SANTOS, Débora. Supremo reconhece união estável de homossexuais. **G1**, Brasília, 5 mai. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/supremo-reconhece-uniao-estavel-de-homossexuais.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

SBT. **O patrão**. [S.l.]. 2015. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/silviosantos/opatrao/>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (nem tão) má**: representações da homossexualidade na telenovela *Amor à Vida*. 2015. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7112/1/000467545-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

SOUZA, Alberto Carneiro Barbosa de. **“Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco”**: um estudo sobre a co-parentalidade homossexual. 2008. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=11727@1>. Acesso em 19 dez. 2016.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Resolução sobre casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaque&idConteudo=238515>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

TEIXEIRA, Carla Cristina da Costa. **A linguagem visual das vinhetas da MTV**: videodesign como expressão da cultura pós-moderna. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=8755@1>. Acesso em: 3 nov. 2015.

TREVIZANI, William Caldas. **O discurso da telenovela sobre a homossexualidade**. 2002. Dissertação (Mestrado em Processos Comunicacionais) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP, 2002. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=32>. Acesso em: 22 set. 2015.

UOL. **Com Bruna Marquezine, “Amor & Sexo” bate recorde de audiência no Rio**. Rio de Janeiro, 21 nov. 2014. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/21/com-bruna-marquezine-amor--sexo-bate-recorde-de-audiencia-no-rio.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 14 nov. 2015.